

Baú^{do} João

Olhares e implicações de um carioca de Laranjeiras



Dedicado a Mário Lopes
(*in memoriam*)

Carioca de vila em Botafogo,
ritmista da escola de samba
Canarinhos de Laranjeiras,
morador de Piedade.

Um personagem que aprendeu
a driblar as artimanhas da vida
e conquistar o meu respeito
e admiração. Nas horas vagas
meu ex-sogro.

Ficha catalográfica

Baú do João – olhares e implicâncias de um carioca de Laranjeiras
Copyright João Batista de Abreu
Textos publicados na página do facebook entre 2014 e 2020

Revisão: Eduardo Sarmento, Zeca Guimarães e Pedro Aguiar
Desenhos de Daniel França
Capa e projeto gráfico: Lena Benzecry (@LenaBenz-Comunica)

Agradecimentos aos repórteres fotográficos Custódio Coimbra, Marcelo Carnaval e Zeca Guimarães.

Meus agradecimentos aos colegas de redação por ter aprendido com eles olhares, macetes e cacoetes do jornalismo.

Meu reconhecimento à universidade pública, que estimulou a busca do conhecimento, o espírito crítico e se transformou em fonte de sobrevivência profissional ao longo de 39 anos.

Fotos adicionais: Dante Gastaldoni, Romildo Guerrante, Alda de Almeida e Mariana de Almeida.

Parte dos recursos arrecadados com este e-book é destinada a entidades filantrópicas do Rio de Janeiro.

2021

Mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação

Um Rio de histórias | p. 6


Prefácio

O balcão da loja do seu Juquinha e o baú de crônicas do seu João | p. 10

Crônicas

1. Amigo de infância | p. 13
2. A história por trás dos livros | p.14
3. Estácio de Sá | p.16
4. Feriado flechado | p.17
5. Ei Tião, para que eu quero descer | p.18
6. Sem registro de nascimento | p.19
7. Extremo poente | p.20
8. Arpoador II | p.21
9. Eta trem chato | p.22
10. Praia por aplicativo | p.24
11. Santo sincrético | p.25
12. Orla Conde | p.26
13. Cachorro Cansado | p.27
14. Imprensa que eu gamo, 20 anos | p.28
15. Comuna que pariu | p.29
16. Satanás Universal | p.30
17. De volta ao sambódromo | p.31
18. Dialética do cotidiano | p.32
19. Salve a Mocidade e mestre André | p.33
20. Legal paca | p.34
21. Dois goles de história | p.35
22. Ressaca carioca | p.37

23. Vassoura mágica | p.38
24. Chama acesa | p.39
25. Ser ou não ser carioca, eis a questão | p.40
26. Avenida Brasil | p.41
27. Comércio variado | p.42
28. Precisão matemática | p.43
29. Anjo de Olaria | p.44
30. Bagagem de vida | p.45
31. Balas perdidas, vidas desperdiçadas | p.46
32. Mãos estendidas | p.47
33. Bangourmet 8 | p.48
34. Parto desumano | p.49
35. Vila União | p.50
36. Choque impressionista | p.51
37. Chácara do céu | p.52
38. Passeio pelo Rio Antigo | p.53
39. Aqui jaz uma escola | p.54
40. Pedaco de nós | p.55
41. Tenores da alvorada | p.56
42. Morrinho, réplica do real | p.57
43. Grandeza de engarrafamento | p.58
44. Santa Teresa à venda | p.59
45. Civismo inocente | p.60
46. Maldade animal | p.61
47. Poeta do Estácio | p.62
48. Bala perdida | p.63
49. Licença para matar | p.63
50. A estrela | p.64
51. Globalização ambulante | p.65
52. Marielle no Engenhão | p.66
53. Lendas e lucros | p.67
54. Memórias de um infectado virtual | p.68
55. Melhor idade é o c**& | p.69
56. Semente eterna | p.70
57. Um soco no ar | p.71
58. Domingo no parque olímpico | p.72
59. Viajantes da poesia | p.73
60. Economia aquecida & outras tiras | p.74
61. Minha tia de Campinho | p.75
62. Festa na sarjeta | p.76
63. O sorriso de Caíque | p.77
64. Desordem unida | p.78
65. Os invisíveis | p.79
66. Tijucano, sim senhores | p.80
67. Procura-se Dona Rosa | p.81



Baú do João

Um Rio de histórias

Este é um livro virtual, ou *e-book* para os que gostam de termos extraídos do vocabulário da computação. Espero que em breve ganhe o nome de *ibuque*, como sói acontecer com os neologismos que chegam à língua portuguesa para ficar.

Sou da geração do papel, aquela invenção mágica criada pelos chineses antes de Mao que atravessou séculos e séculos, prestou serviços à Bíblia, aos mapas de navegação, fez brilhar talentos como Shakespeare, Goethe, Tolstói e Mark Twain. Enfim nos ensinou a sonhar. Mas é preciso reconhecer, o lítio tem lá suas comodidades.

A seguir estão disponíveis 67 crônicas, escritas e postadas na página pessoal do *facebook* entre 2014 e 2021. Uma espécie de despretensiosa terapia virtual. Boa parte delas fala da minha cidade, olhares e detalhes de um Rio que passa despercebido, como o Rio Carioca sob a Rua das Laranjeiras, onde moro. Um olhar não apenas pela Cidade Maravilhosa, eternizada no livro do mesmo nome do escritor Coelho Neto, mas também pelas remoções de comunidades pobres localizadas em terrenos cobiçados pela especulação imobiliária, a violência policial, as balas perdidas que encontram crianças e adultos inocentes, o drama da metrópole em constante disputa de territórios. Doze crianças mortas em 12 meses. Uma cidade que não cuida de seu futuro não pode vangloriar-se do presente.

Nos anos 30 Cesar Ladeira deixou a Rádio Record em São Paulo e veio para o Rio, onde apresentava na Rádio Mayrink Veiga o programa *Crônicas da Cidade Maravilhosa*. Os tempos eram outros ou os jornais eram mais tolerantes com os crimes na periferia?

As implicâncias do título do *e-book* remetem a Lima Barreto, carioca até a medula. Quando Otávio Brandão foi convidá-lo para se filiar ao recém-fundado Partido Comunista Brasileiro (25 de março de 1922,

em Niterói), argumentando que havia semelhanças entre a ideologia do partido e a dele, o escritor, nascido em Laranjeiras, suburbano de carteirinha e ex-aluno do Colégio Pedro II, respondeu: “Eu não tenho ideologia, tenho implicâncias”. Lima Barreto morreu naquele mesmo 1922 aos 41 anos.

Na vida de jornalista, que comecei aos 18 anos como estagiário da editoria de polícia do falecido **Diário de Notícias**, escrevi quase de tudo, desde matérias que retratavam dramas e tragédias do cotidiano a textos de economia e política, passando por entrevistas sobre educação, saúde, saneamento, transporte, esporte, reforma agrária, serviços públicos, releases sobre shows, exposições e concertos, e mais o que a memória do meu HD cerebral não me deixa lembrar. Tudo publicado em jornais onde trabalhei, revistas, rádios, emissoras de TV e assessorias de imprensa em 45 anos de ralação profissional.

Até mesmo a dissertação de mestrado, a tese de doutorado na UFRJ e os artigos acadêmicos foram feitos sob encomenda de programas de pós-graduação ou revistas especializadas. O balanço social da Petrobras, o texto final do livro ilustrado sobre o gasoduto Bolívia-Brasil, o da história do seguro no Brasil, exposição do Senai em homenagem ao então vice-presidente da República José Alencar, revistas sobre os cursos de graduação e projetos sociais da Universidade Federal Fluminense. Até nota de falecimento, quando era redator da Rádio Jornal do Brasil à noite e o departamento comercial já havia fechado. Só não escrevi bula de remédio, nem manuais de produtos da indústria eletroeletrônica, aqueles que se preocupam mais em exaltar as maravilhas do aparelho do que explicar como funciona.

Aos 66 anos, estes são meus primeiros textos publicados por puro diletantismo; simplesmente o prazer de escrever e ver o material publicado. Um texto só se realiza quando lido por terceiros. Caso contrário, seria melhor escrever um diário íntimo. A ideia de produzir

o e-book foi de Eduardo Meditsch, amigo e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, jornalista que, como todo gaúcho que se preza, adora o Rio de Janeiro, com ou sem sinal fechado, canta Adriana Calcanhoto, carioca por adoção.

Este *e-book* é resultado de um trabalho coletivo entre amigos. Lena Benzecry cuidou com carinho da programação visual, repórteres fotográficos e companheiros de redação como Custódio Coimbra, Marcelo Carnaval e Zeca Guimarães, além de Dante Gastaldoni, colega desde os tempos de aluno da UFF. Os desenhos são do ilustrador Daniel França. O prefácio é de Alexandre Medeiros, ex-aluno que se tornou amigo, cujo texto esbanja talento. Aqui uma pequena homenagem virtual à jornalista Cristina Chacel, botafoguense como eu, mulher de Custódio, neta e sobrinha das donas do Instituto Santo André. Foi nesta escola do Cosme Velho que tomei gosto pela leitura na infância. Este ano Cristina viajou antes do combinado, como diz Rolando Boldrin.

A crônica sempre foi meu gênero predileto. Quando adolescente, conheci Stanislaw Ponte Preta no consultório do médico alergista onde tomava vacinas para me tratar da asma. Eu o encontrava semanalmente na sala de espera dentro da revista **O Cruzeiro**. Ele e as certinhas do Lalau. No colégio Zaccaria, no Catete, os professores de Português – entre eles mestre Sérgio de Regina – me apresentaram a Rubem Braga no livro **Quadrante**, Graciliano Ramos, Machado de Assis e sua personagem dissimulada, mulher de Dom Casmurro. Ao longo da vida conheci algumas capitus que saltaram das páginas do Bruxo do Cosme Velho para vidas secas e cotidianas. Em casa divertia-me com as crônicas ferinas de Nestor de Hollanda no **Diário de Notícias**.

Quando entrei para a faculdade de Comunicação na UFF, em 1972, atravessava de barca a Baía de Guanabara todas as manhãs. Ainda não havia a ponte. A meu lado dois passageiros que se tornaram



companheiros de viagem no Caderno B do **Jornal do Brasil**. Eles se revezavam. Um dia embarcava Carlos Drummond de Andrade; no outro José Carlos de Oliveira. Aos sábados, Clarice Lispector vinha visitar-me em casa. Nessa época conheci também Antônio Callado, Fernando Sabino e Flávio Rangel em veículos diferentes, entre eles o **O Pasquim**. Estes e o botafoguense Paulo Mendes Campos, o principal redator do Canal 100, autor da crônica mais bonita sobre Garrincha.

Mais recentemente, Antônio Prata, Eliane Brum e Joaquim Ferreira dos Santos, este também ex-aluno do IACS, me fazem às vezes – confesso – sentir inveja do talento alheio. As palavras estão perdidas no infinito, à espera de quem as capture e as reúna de forma criativa, com uma pitada de crítica e, se possível, humor. Elas são o pincel e a tinta do autor e precisam de luz para fazer sentido. Aqui a luz vem da tela do computador.

João Batista de Abreu

O balcão da loja do seu Juquinha e o baú de crônicas do seu João

O João é de Laranjeiras, eu fui criado no Catete. Ambos estudamos no Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, tivemos o privilégio de conhecer o cinema Azteca e o Café Lamas original, ali no Largo do Machado. Comemos muita esfiha na Galeria Condor. Vibramos e sofremos com os jogos do nosso glorioso Botafogo de Futebol e Regatas no Maracanã. Com tantos pontos de convergência, tínhamos mesmo que nos conhecer em... Niterói! Sim, aquele moleque de 19 anos, que trabalhava como calculista de seguros de 8h às 17h, na Praça Pio X, diante da Candelária, corria para pegar a barca na estação da Praça XV e chegar a tempo na primeira aula, às 18h, no Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, no Ingá, e pedir desculpas aqui, oficialmente, por alguns bocejos furtivos nas aulas de Radiojornalismo do professor João Batista de Abreu Júnior. Não foram por mal.

As aulas do João, é justo destacar, eram animadoras. A paixão dele pelo rádio exalava em cada ensinamento. Talvez eu tenha entendido ali o encantamento de meu pai ouvindo a Rádio Nacional enquanto fazia a barba todas as manhãs, com seu inseparável radinho de pilha. Sorte a minha que, pouco tempo depois, quando entrei como estagiário no Jornal do Brasil, pude conviver com uma geração talentosa de jornalistas da Rádio JB, um andar acima da redação do jornal, no prédio da Avenida Brasil 500. João fez parte daquele timaço. Trabalhamos juntos no próprio JB e também em O Globo, anos mais tarde. De professor, o João virou amigo e colega de profissão. E já que estamos falando de rádio, posso dizer que sou que nem o Repórter Esso, testemunha ocular dessa história. Ou melhor, dessas histórias.



As crônicas que vão desfilar daqui a pouco me fazem lembrar da finada loja do seu Juquinha, oficialmente conhecida como Juquinha Modas, na Rua do Catete. Era onde eu comprava as camisas do Botafogo, os shorts e os meiões para jogar pelada no Aterro. E, sobretudo, meus times de botão. O João já devia ser do grêmio estudantil do Zaccaria naquela época, poucos anos mais velho que é, mas eu ainda era um menino que arregalava os olhos diante daquelas caixas de papelão repletas de botões no balcão do seu Juquinha. Como o dinheiro da mesada era curto, eu não podia levar todas aquelas caixas para casa. Mas o desejo represado tinha uma vantagem: eu sempre voltava ao balcão do paciente seu Juquinha para renovar o brilho no olhar. E ficava um tempo infindável a buscar craques de plástico, vidrilha, coco, galalite ou madreperla.

Que o mesmo prazer te invada nesse balcão de crônicas, que o João batizou de baú. São 67 textos, publicados originalmente no Facebook. Quero ver o caro leitor escalar o time de 11 titulares. Vai imaginar o que eu sofria no balcão do seu Juquinha.

Algumas crônicas são atuais, nascidas nesta pandemia que nos amedronta na virada de 2020, um ano terrível, para 2021, o futuro incerto. Como “Vidas interrompidas”, sobre a morte prematura do jovem médico João Pedro Rodrigues Feitosa, carioca de Olaria, levado pela covid-19. O João comovido dá lugar ao João crítico, esse um viés característico, em “Passeio pelo Rio Antigo”, de novembro de 2014. Um passeio com Alda - peguei o início desse namoro - pelos arredores da Praça Mauá termina no então recém-redescoberto Cais do Valongo, destino final de tantos escravos. João pontua que o cais fora construído longe das vistas da Corte para que os nobres não vissem a “degradação a que submetiam os negros”. E conclui: “Algo assim como determinadas fazendas e construtoras que lançam mão do trabalho semiescravo no interior do Brasil, mas investem pesado no marketing social”.

Vem de longe essa indignação. Em outra crônica, João lembra do Sete de Setembro de 1965, quando ele tinha 11 anos e cursava o primeiro ano ginásial no nosso Zaccaria. Um ano após o golpe civil-militar de 1964, o colégio marcara uma “solenidade cívico-militar” na Praça José de Alencar, à qual os alunos deveriam comparecer uniformizados. No dia marcado, nenhum professor, só meia dúzia de alunos constrangidos. “Foi a primeira vez que me senti enganado pelo tal espírito cívico”. Já o João gaiato, o humor é outra marca registrada, está presente em algumas crônicas como “Melhor idade é o c**&”, de março de 2019, quando ele goza as agruras de chegar aos 65 anos. Ferina como um gol do ponta de esquerda de vidrilha aos 44 do segundo tempo.

Na geografia sentimental dessas crônicas, reencontrei o querido Alfredinho do Bip Bip, amigo de tantas lembranças, retratado em “Dialética do cotidiano”. Revisitei o Arpoador e seu pôr do sol, praia onde “nasceram” meus quatro filhos - o mais velho tem a Pedra do Arpoador tatuada nas costas. E curti a deliciosa “Eta trem chato”, sobre o sumiço dos óculos da estátua de Carlos Drummond de Andrade em Copacabana. Drummond foi meu vizinho na Rua Conselheiro Lafaiete, no Posto Seis. Não disse que eu era testemunha ocular da história?

Bom, façam as suas escolhas. É difícil, mas não tenham pressa. Conselho de balcão: o mais fascinante é garimpar as preciosidades nas caixas. E pra não dizer que fugi da raia, vou escalar como dupla de ataque duas crônicas nas quais fulgura o João lírico. Uma dupla aqui de Laranjeiras, onde hoje moro, a duas quadras do professor. “Parafuso artesanal” narra a saga de seu Arnaldo, que vendia cachaça trazida de Minas em sua loja de ferragens. Mas só para clientes vips como o João. E a imperdível “Pedaço de nós”, que conta com melancolia como grades de ferro instaladas no Edifício Heris, aqui na Rua das Laranjeiras, acabaram com a brincadeira de gerações de crianças que escalavam sua mureta avermelhada.

Dois botões de madrepérola.

Alexandre Medeiros

Rio, 12/10/2020

Amigo de infância

Tenho um vizinho que faz aniversário hoje. São 89 anos bem vividos e olha que com um corpo ativo e bem conservado. Eu o conheço desde criança. Todos os dias o cumprimento ao acordar e na hora de dormir, faça chuva ou faça sol. Meu vizinho tem luz própria, mas às vezes desaparece, como se gostasse de brincar de esconde-esconde. Quando menos se espera, tá lá de novo, imponente na sua majestade.

A história dele muitos cariocas conhecem. A gestação levou 10 anos, para que a população da cidade contribuísse com doações no montante suficiente. Ele é fruto da solidariedade. Nasceu em 12 de outubro de 1931 – dia de Nossa Senhora Aparecida –, foi concebido pelo engenheiro brasileiro Heitor da Silva Costa e dois franceses, o escultor Paul Landowski e o engenheiro Albert Caquot.

Meu vizinho tem 30 metros de altura, pesa 1,1 mil toneladas e seu corpo é todo em concreto armado e pedra sabão. Garboso, foi escolhido pela Unesco patrimônio da humanidade. Ah, quantas súplicas ouviu, quantos pedidos atendeu, quantos conselhos forneceu no mais absoluto silêncio. De vez em quando alguém tem a ideia de levar um sócia dele para o sambódromo. Os cardeais podem até não gostar, mas no fundo, no fundo acho que ele se diverte. Afinal, está sempre de braços abertos para receber cariocas e turistas de todos os cantos. Andou em quarentena por causa da pandemia, mas recentemente voltou a receber visitas. É um bom anfitrião.

De onde ele mora vê-se boa parte do Rio e da Baía de Guanabara. Meu vizinho só não gosta de falsos profetas. Aqueles que prometem mundos e fundos em troca do dízimo e depois deixam os eleitores fieis e infiéis na fila dos hospitais. Não conheço nenhum cidadão de carne e osso mais carioca do que ele. Parabéns, meu amigo de infância Cristo Redentor.

Foto de Mariana Almeida



Foto de Custódio Coimbra

A história por detrás dos livros de História



Rio, 28/2/2015

Quatrocentos e cinquenta anos atrás a esquadra de Estácio de Sá estava passando hoje, dia 28, pelo litoral de Cabo Frio, mas deparou-se com tantos navios de cruzeiro ancorados no mar de Búzios que resolveu descer o Atlântico mais um pouco.

Rio, 01/3/2015

No capítulo anterior, a esquadra de Estácio de Sá desistira de desembarcar em Búzios dada a quantidade de navios de cruzeiro fundeados. Decidiram, pois, descer mais um pouco. No dia seguinte adentraram a Baía de Guanabara para expulsar os franceses, que queriam ocupar todos os quartos de albergue nas favelas cariocas. Estácio atracou numa pequena praia entre o Pão-de-açúcar e o morro Cara de Cão e logo foi assediado por ambulantes oferecendo barracas e cadeiras de praia. O lugar lhe pareceu acolhedor e pensou em fundar ali seu ponto de

defesa, mas os executivos convenceram o tio de Estácio, o governador geral Mem de Sá, a transferir a aldeia para a zona junto ao Morro do Castelo. Os especuladores tinham comprado o terreno dos índios a preço de banana e empreiteiras já tinham loteado a obra. Contam os historiadores que jovem cacique nervosinho tinha gostado da ideia. Os franceses, por sua vez, haviam entrado em acordo com a milícia local, tendo como intermediário o filho de Cabral, um sujeito estranho que andava pela cidade com um guardanapo na cabeça. O objetivo dos franceses, liderados por Villegaignon, era garantir o monopólio do serviço de barcas entre Rio e Niterói. Para isso, convocaram um jovem judeu sefaradi, que trabalhara para os reis de Espanha. Seu nome: Jacob Cucaracha. Os franceses fizeram o primeiro projeto de ligação marítima entre a Praça XV e São Gonçalo, que até hoje não saiu do papel porque os colegas de Cucaracha torceram o nariz para a ideia. Enojado com toda aquela malta, Estácio de Sá caiu em depressão e refugiou-se no Morro de São Carlos, mas acabou flechado numa briga por território entre traficantes e milicianos. O inquérito policial para apurar os responsáveis segue em andamento até hoje.

Rio, 01/3/2015

O último capítulo da saga de Estácio de Sá em Pindorama traz um ar de mistério, como uma trama de Aguinaldo Silva, o pajé da teledramaturgia. Afinal, teria ele morrido vítima de flechada numa guerra por território no Morro de São Carlos? O exame de balística revelou o tipo de veneno empregado pelos assassinos? Os tamoios cooptados pelos franceses seriam de fato os responsáveis pelo crime? Ou então os traficantes de cauim amigos dos tupinambás? O que se sabe é que os descendentes de Estácio, da família Sá e Benevides, fizeram história na cidade. Os que enriqueceram entraram para a política e hoje controlam as bases do MDB desde Campos dos Goytacazes até Paraty. Têm haras, comandam a distribuição de gás e TV por assinatura nas favelas e fazem filantropia, financiando obras de caridade na Baixada. Os pobres moram na Barreira do Vasco, fazem parte de uma das facções da Força Jovem e trabalham na Cadeg, em Benfica. No sábado, estavam no show de Caetano e Gil na Quinta da Boa Vista, mas sentiram falta de Anita. É *funk*.



Rio, 01/3/2017

Estácio de Sá

Fico imaginando se Estácio de Sá desembarcasse aqui para fundar a cidade mui leal e gloriosa de São Sebastião em plena quarta-feira de cinzas. Encontraria os tamoios e tupinambás exaustos dos blocos e os franceses dormindo a sono solto nos hostels espalhados pelas encostas. A guerra seria menos sangrenta e mais rápida. Estácio não levaria a flechada venenosa e ainda daria tempo de ver o desfile das campeãs no cacicódromo. Os temiminós, aqueles liderados por Araribóia, perderiam a barca porque o serviço de transportes privatizado por Cabral, que já era ruim, diminuía a frequência na semana de carnaval. Enfim, batalhas mesmo só as de confete e serpentina. Feliz aniversário, meu Rio.

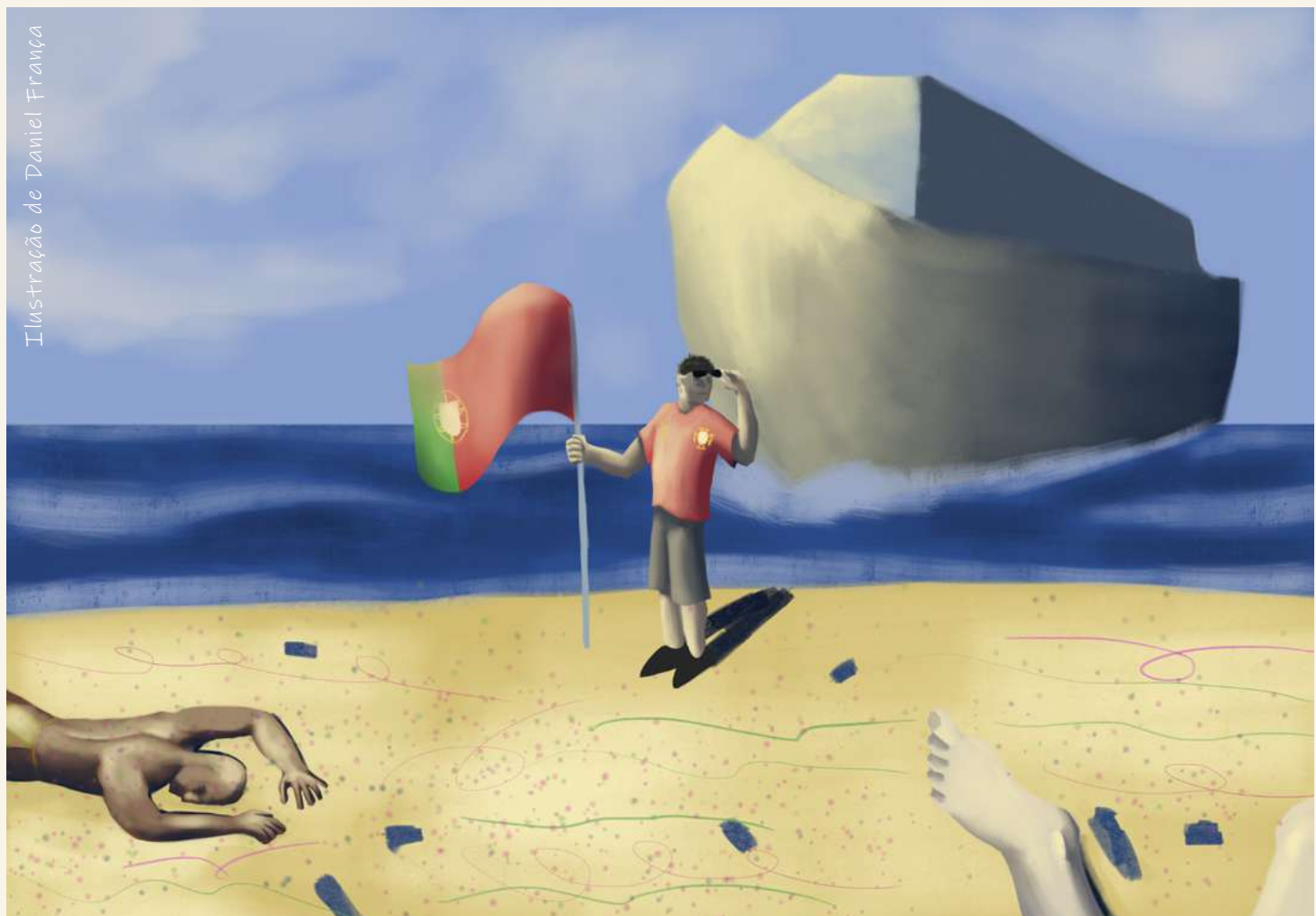


Ilustração de Daniel França

Rio, 20/1/2015

Feriado flechado



Os cariocas da minha geração devem lembrar-se – os mais velhos com certeza – de uma história curiosa e trágica que tem a ver com São Sebastião, o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Assim que tomou posse como governador da Guanabara, em 1966, o mineiro Negrão de Lima anunciou que suspenderia o feriado de 20 de janeiro. Pra quê? Em janeiro a cidade foi atingida por um temporal que causou deslizamento de terra, derrubou casas e barracos nas favelas e provocou a morte de centenas de pessoas. Na época a maioria dos barracos ainda era de tábua e zinco. Não havia controle severo quanto à cons-

trução nas encostas. Começou a circular nas ruas a versão de que o temporal teria sido um castigo do santo, aborrecido com a falta de consideração do novo governante. Negrão de Lima deu de ombros. Veio 1967 e um novo temporal se abateu sobre a cidade em fevereiro, com mais deslizamentos e mortes. A maior tragédia foi a queda de uma casa e dois edifícios nas ruas Belisário Távora e Rua General Cristóvão Barcelos, em Laranjeiras, matando centenas de moradores. A história do castigo do santo voltou com mais força e Negrão de Lima não aguentou a pressão. Recuperou o feriado do padroeiro da cidade.

Rio, 01/3/2016

Ei Tião, para que eu quero descer

Hoje é o aniversário da minha cidade. Abro o jornal e leio sobre os efeitos do temporal de ontem à noite. Na outra página, vejo o Maracanã fechado e a falta de perspectiva de reabertura após os Jogos Olímpicos. Mais uma página e a notícia de que a tarifa do metrô passará para R\$ 4,10 em abril, equivalente a quase 1 dólar. Feliz aniversário, meu Rio. Que São Sebastião nos livre da incompetência de autoridades e da ganância de empresários.




Rio, 20/1/2015

Sem registro de nascimento



Por mera questão de *marketing*, a TV Globo e a Prefeitura do Rio resolveram impor uma empulhação com esta história de comemorar os 100 anos do samba. O ponto de partida teria sido a gravação de *Pelo Telefone*, do Donga, que falava da proibição do jogo de roleta e da convivência de certos policiais. Que bobagem. O samba não tem registro de nascimento em cartório, mas é muito mais antigo como ritmo musical sincopado, em oposição à modinha, predominante entre os brancos. No início do século XX era combatido pela Polícia no Rio de Janeiro, assim como qualquer manifestação cultural de ex-escravos e seus descendentes. O sujeito que tivesse as unhas grandes próprias de violonistas perigava ser detido para averiguações. Não custa lembrar a repressão à capoeira. A perseguição a ritmos e padrões musicais é muito anterior. No século XVI as canções pagãs renascentistas eram combatidas pela Igreja católica porque não falavam de Deus. Se fosse assim, a música barroca só teria existido depois da primeira gravação. Bach e Vivaldi devem estar morrendo de rir.

A photograph showing the silhouettes of several people on a beach at sunset. In the foreground, a man stands with his hands on his head, looking out at the sea. To his right, a group of people is gathered, including a couple embracing. The sun is low on the horizon, creating a warm, golden glow. The background shows the sea and some distant landmasses.

Rio, 20/2/2015
Extremo Poente

O sol foi pro Japão. Assim dizíamos para as crianças quando assistíamos ao pôr-do-sol na ponta do Arpoador nos anos 90. Não sei se a frase é de produção caseira ou se copiamos de algum escritor de livros infantis. O Japão ficaria ali atrás do Morro Dois Irmãos, depois da Barra e do Recreio, lá pelos cantos da Zona Oeste. As crianças cresceram e hoje sabem que o Japão não fica na Prainha, muito menos em Guaratiba.

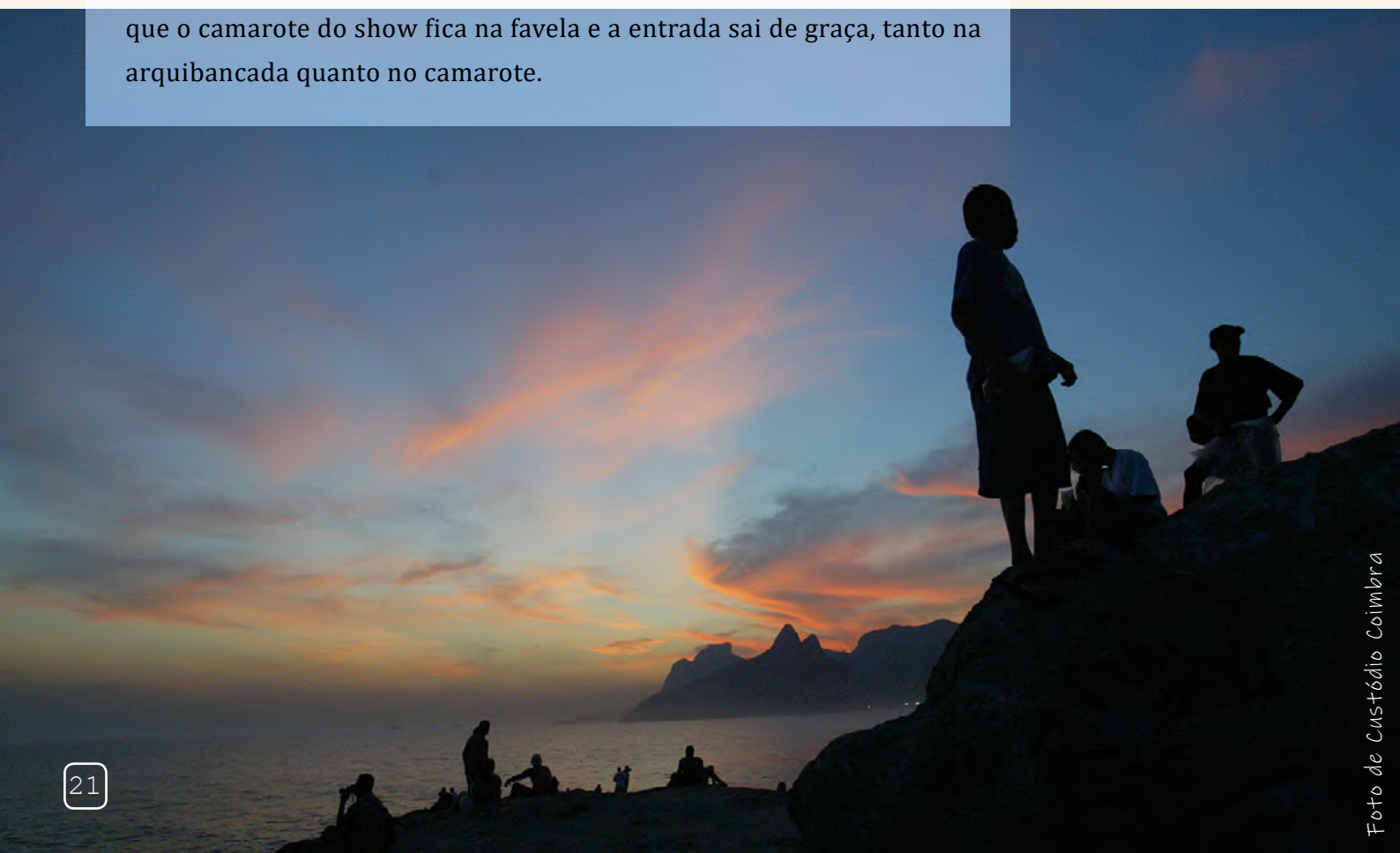
Nesta sexta-feira, no penúltimo pôr-do-sol deste horário de verão, voltamos sozinhos ao Arpoador. É uma festa. Pela variedade de pessoas, de todos os cantos do mundo e camadas sociais. Uma festa que a natureza nos oferece de graça, como o pôr-do-sol em Cabedelo, na Paraíba, ao som do “Bolero” de Ravel. Nesta sexta tudo estava na medida certa. As nuvens amenizavam o calor, mas deixavam passar os raios de sol. A água, limpa, calma e morna, o policiamento discreto. O som do saxofone ao vivo se harmonizava com o ocaso. Não havia carro de som, nem propaganda em alto-falante. As repórteres e os cinegrafistas da TV Globo e do SBT se esmeravam em suas passagens, tendo ao fundo o Morro Dois Irmãos.

Em 1970, quando eu frequentava a Praia do Arpoador, o cenário era bem diferente. O espaço onde fica hoje o Parque Garota de Ipanema era ocupado por uma unidade do Exército, como extensão do Forte Copacabana. Havia muitas vagas para carro. Limãozinho e água mineral Nazaré, em garrafa de vidro, eram as bebidas mais procuradas. Surfistas driblavam a fiscalização para pegar onda perto da pedra em pranchas compridas de madeira. Quando eram apanhados pelo pessoal da Marinha - se não me engano -, subiam na lancha, perdiam a prancha e tinham que voltar a nado até o Posto Seis. Haja braço. Jovens filhos de gringos residentes no Rio jogavam futebol americano na areia em dias de semana à tarde. Voltei no tempo na câmera da memória sentado ali no calçadão ao som do sax. Só espero que nenhum Paespalhão tenha a infeliz ideia de privatizar o lugar e fazer meia dúzia de obras de fachada para justificar a cobrança de ingresso. Deixa como está. O Rio agradece e aplaude.

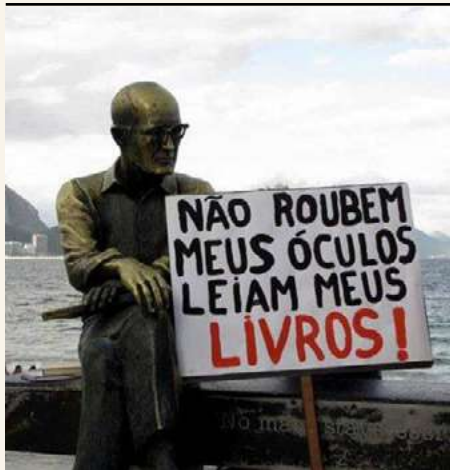
Rio, 29/12/2016

Arpoador II

Sete e meia da noite. Pôr do sol no Arpoador. Praia e pedra cheias. Gente de todos os cantos, de todas as origens, etnias e ideologias. O sol nos une pelo espetáculo da natureza. A névoa ensaia um faz-de-conta, como se quisesse estragar o show. Não consegue. O sol se põe diante de um horizonte amarelo, que começa claro e aos poucos escurece. Mas nada que retire as pessoas do mar. Aliás mar não, piscinão. Muitos aplaudem. Eu e Alda preferimos ficar quietos porque entendemos que o gesto já se tornou lugar-comum. Não o pôr do sol, mas o aplauso. A meu lado, um rapaz negro (diriam os chatos, afrodescendente), de camisa vermelha e preta, provavelmente em homenagem ao time do coração (Vitória de Salvador, Atlético Paranaense, Sport de Recife ou o Milan), faz um comentário com a namorada: “Meu amigo tá lá vendo a essa hora”. O brilho no morro perto do horizonte, como se fossem luzes de árvore de Natal na paisagem do Leblon, me faz deduzir que o “lá” citado pelo rubro-negro é o Vidigal. Pergunto apenas para confirmar e a resposta vem na lata: “lá a gente vê de pertinho”. Que bela cidade a minha em que o camarote do show fica na favela e a entrada sai de graça, tanto na arquibancada quanto no camarote.



Eta trem chato



Nestes últimos anos tenho passado o tempo apreciando a paisagem no calçadão de Copacabana, sentado em um frio banco de cimento junto à Avenida Atlântica. Eta trem chato, sô. Fico de costas pra praia sentindo o barulho do marzão. Mineiro que

sou, me dá uma agonia danada ouvir aquelas ondas quebrando, ainda mais nos dias de ressaca.

Não deveria ser assim. Afinal, moro no Rio de Janeiro desde a década de 30, quando meu amigo e conterrâneo Gustavo Capanema me chamou para trabalhar com ele ali no prédio do Ministério da Educação. Virei chefe de gabinete do ministro. Coisa fina, né. Entre um e outro despacho, entre uma e outra pedra no meio do caminho, escrevia umas coisinhas. O bom é que muita gente gostava. Então fui ficando por aqui.

Publiquei uns livrinhos de poesia, passei a escrever crônicas no Correio da Manhã e depois no Jornal do Brasil. Dizem que inventei muitas palavras e tornei outras mais belas, mas isso não importa tanto. Nunca fui muito de esquerda, mas me incomoda o gosto amargo de um rio que um dia já foi doce, mas que a ganância pelo minério nos ensinou que não VALE a pena. Em 1987, fiz uma longa viagem. Fui de corpo e alma, mas minha poesia ficou por aqui. Tempos depois voltei sob a forma de estátua e ainda me arrumaram uma cadeira para admiradores, turistas e chatos.

Como dependia dos óculos para enxergar as coisas, fizeram-me com lentes. Nada mais natural. Senão, como ver aquelas moças passando por aqui de biquínis e shorts mais curtos que meu salário de funcionário público. As lentes me fazem falta, mas o pior de tudo é ter que me adaptar toda vez que alguém, por brincadeira, as leva embora. Tá bom que o carioca sempre teve senso de humor, mas me deixar com a paisagem embaçada é coisa que incomoda e me tira do sério.

Maria Julieta, minha filha, deu-me a solução que pode resolver meu problema e o de quem me botou aqui, neste banco de cimento de costas pro mar. Vou passar a usar lentes de contato, daquelas que ninguém vê. Lentes invisíveis e imunes aos idiotas que insistem em arrancar meus óculos de grau. Assim, não perco a visão das moças que desfilam à minha frente e ainda ajudo a Prefeitura a economizar nestes tempos de crise. Afinal, o reveillon vem aí e é preciso sobrar dinheiro pra pagar o cachê de R\$ 800 mil do Zeca Pagodinho. Deixem a vida me levar, de preferência sem óculos.



Rio, 11/8/2020

Praia por aplicativo

Nunca pensei que viveria a ponto de, para ir à praia aqui no Rio, ter que reservar por aplicativo. Pode-se dizer tudo de ruim a respeito de Marcelo Crivella, menos que seja desprovido de criatividade. Soube que a ideia teria sido inspirada em Nova York, que anda loteando os parques. Também pudera, quem copia até a cor dos táxis da maçã ianque, copiar isso também não chega a surpreender. Agora a prefeitura vai estabelecer os critérios de reservas dos quadriláteros. Pode ser, por exemplo, por religião. Os evangélicos teriam direito a 60% do espaço porque já pagam o dízimo. Seriam 10% para a turma da IURD, 10% para a Assembleia de Deus e os admiradores de Silas Malafaia, 10% para o grupo Igreja da Graça de Deus, de Romildo R. Soares, e os outros 30% para presbiterianos, batistas e metodistas. Trinta por cento seriam repartidos entre católicos, muçulmanos, budistas, judeus ortodoxos, cultuadores do santo daime e hindus. E os outros 10% serão destinados aos militares do Ministério da Saúde, em reconhecimento ao grande trabalho que prestam durante a pandemia no combate incansável ao coronavírus. O quê? Umbandista? Adeptos do candomblé? Bem, estes terão que fazer um requerimento em três vias e assinatura com firma reconhecida explicando por que querem frequentar a praia em outro dia que não 31 de dezembro. O prefeito promete encaminhar aos orixás de sua confiança. Assim que chegar a resposta, ele vai reexaminar o caso. Fico pensando se Iemanjá, por represália, mandasse vir uma ressaca daquelas sobre

a praia de Copacabana e destruísse todas as marcações na areia. Não se brinca com os deuses do mar, principalmente três meses antes da eleição.

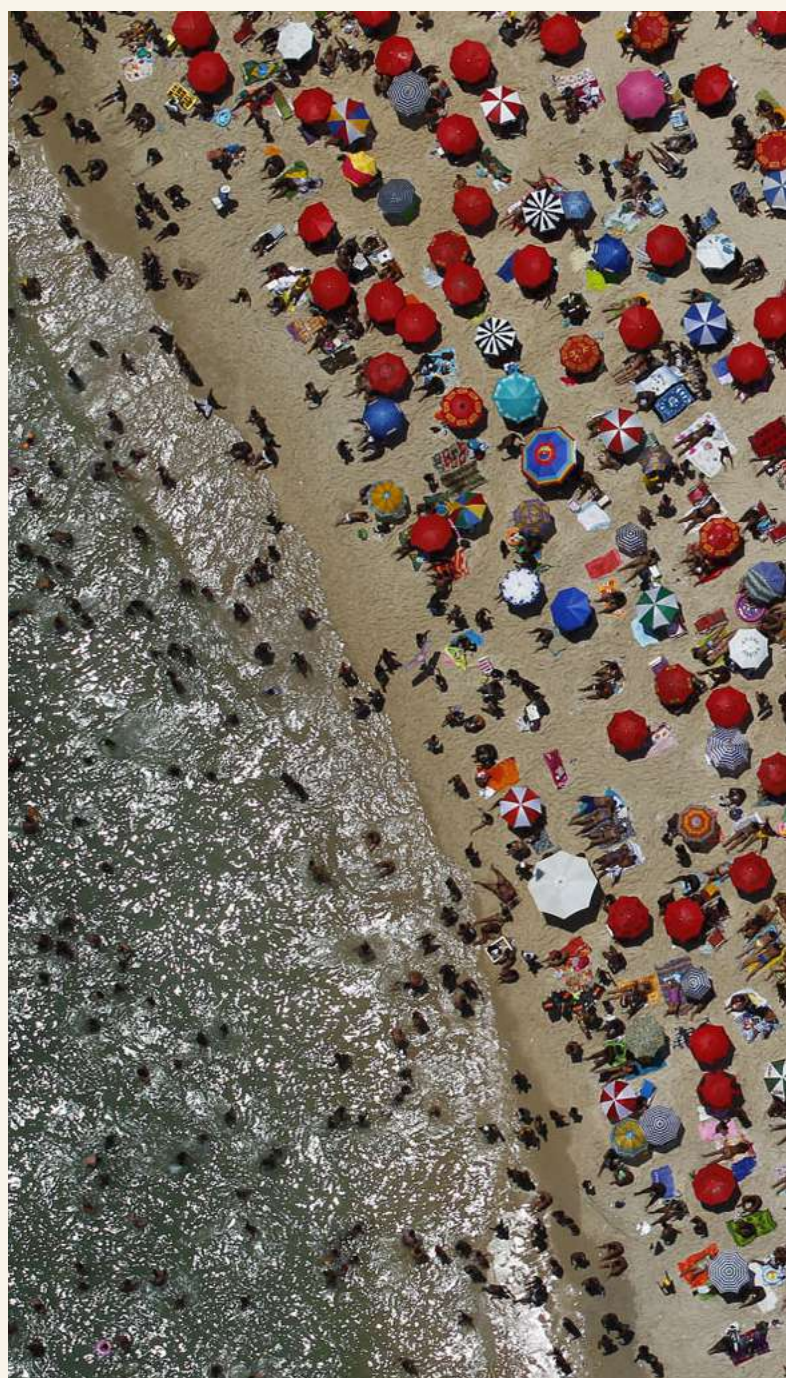


Foto de Custódio Coimbra

Rio, 23/4/2017

Santo sincrético



Feriado de 23 de abril. O Rio de Janeiro está em festa para comemorar o dia de São Jorge, um dos santos mais populares da cidade, junto com São Judas Tadeu. Em diversos cantos, em bares e quadras de escola de samba, o santo que nasceu no século III na Capadócia, hoje uma região da Turquia, é reverenciado pelos cariocas, sobretudo os mais humildes. O sincretismo fez de Jorge um santo de todas as religiões. Com a identidade de Ogum, é homenageado nos terreiros de umbanda. À tarde, a quadra da Estácio e os arredores da Rua Mem de Sá estavam vestidos de vermelho e branco. Diz a história que Jorge incorporou-se ao Exército romano ainda muito jovem, mas se insurgiu contra a perseguição impiedosa aos cristãos. Por causa disso, foi torturado e decapitado no dia 23 de abril do ano 303. Séculos mais tarde passou a ser cultuado na Inglaterra e em Portugal. O culto ao santo, considerado excessivo pelo Vaticano, fez a Igreja tentar apagá-lo da História. Ele chegou a ser cassado como santo por Paulo VI, mas a decisão do papa desencadeou uma revolta entre os devotos. Ogum e Jorge têm em comum a imagem do santo guerreiro. Ogum é a divindade que representa o combate, o ferro e a metalurgia. Com a prisão do maior metalúrgico brasileiro, Jorge e Ogum planejam se unir contra a perseguição dos poderosos.

Rio, 24/12/2016
Orla Conde

Posso estar enganado, mas esta pendenga sobre as grades junto ao mar no entorno do Arsenal de Marinha me soa insignificante. Uma coisa é a Marinha barrar o acesso à Orla Conde aos pedestres; outra é instalar grades removíveis para evitar acidentes. Pode parecer prevenção exagerada? Até pode. Mas com tanta fraude no serviço público, políticos corruptos soltos, guerra de egos entre o STF e o Senado, servidores do Estado sem receber salários, aposentados na miséria, falta de atendimento em hospitais públicos, desmandos de procuradores, esta pendenga fica tão ridícula que parece pretender distrair a atenção para os grandes problemas do país.

Se a gente conseguiu preservar alguns pontos turísticos na orla marítima, muito se deve às Forças Armadas. Do contrário, a febre imobiliária já teria transformado os fortes de Copacabana, Leme e Urca em espigões. O espertalhão incorporador daria o nome de um general ou almirante ao conjunto de edifícios e venderia para os ricos, com financiamento da Caixa Econômica Federal. Na época do lançamento, botava anúncio de página inteira na edição de domingo dos principais jornais e comprava um break do Fantástico. Todo mundo ficaria calado.



Rio, 10/2/2016

Cachorro Cansado

O bloco Cachorro Cansado arrastou este ano mais de 15 mil pessoas pelas ruas do Flamengo. Durante quatro horas, das 17h às 21h, 15 músicos e três cantores no alto de um carro de som alternaram antigas marchas de Carnaval, sambas-enredo famosos, hits de Tim Maia e Xuxa e rocks de bandas brasileiras, como Legião Urbana e Paralamas do Sucesso. É a quarta vez que acompanho o bloco, que reúne cada vez mais gente. O segredo é o repertório e a qualidade dos músicos. O pistonista deu um tremendo solo de jazz em pleno desfile, enquanto o caminhão manobrava. Quando passava em frente ao Colégio Metodista Bennett, na Rua Marquês de Abrantes, a banda tocou “Na casa do senhor não existe satanás”. Seria coincidência? Na volta, ao passar pela entrada dos fundos do colégio metodista, na Rua Senador Vergueiro, de novo a musiquinha provocativa que agitava a rapaziada. Coincidência?



Rio, 31/1/2015

Imprensa que eu gamo, 20 anos



Foto de Marcelo Carnaval

Sábado é dia do Imprensa que eu gamo, o bloco formado em 1995 por jornalistas cariocas que gostam de carnaval. Niterói foi pioneira. Nos anos 80 já existia o “Filhos da pauta”, que se concentrava ao lado do jornal O Fluminense, no Centro. Depois um racha criou o “Segundo clichê” e o “Filhos da Pauta” virou escola de samba. Do outro lado da poça poluída, o “Imprensa que eu gamo” sempre desfilou antes do Carnaval porque, em princípio, repórter trabalha nos dias da folia e não tem tempo de se divertir. O Mercadinho São José foi o local escolhido para concentração, porque um dos fundadores do bloco, Marceu Vieira, então repórter do **Jornal do Brasil**, morava na rua detrás, a Gago Coutinho, junto ao Palácio Laranjeiras. Nestes 20 anos, muita coisa mudou. Hoje é tão difícil encontrar jornalista no bloco quanto nas redações. Restaram poucos nos dois lugares. Os remanescentes se encontram nos bares do mercadinho, mas poucos se aventuram a sair. O calor e a aglomeração não deixam. Quando saía às seis da tarde, o calor era mais ameno. Às três da tarde virou prova de esforço e de manhã pior ainda. Sem a mangueira d’água do caminhão - para dar exemplo nestes tempos de seca braba - deve piorar. Por que não voltar ao horário antigo? Bastava ocupar só a Gago Coutinho até o Largo do Machado e não descer a Rua das Laranjeiras. Com a palavra o alcaide de plantão.

Paespalhão fez uma parceria público-privada com São Pedro e a chuva amenizou o calor durante o desfile do “Imprensa que eu gamo”. Foi legal, mas melhor foi depois quando o pessoal do carro de som atacou com marchas antigas de carnaval. E ainda rolou (ou rolaram, que feio) Tim Maia, Jorge Ben e até Lobão.

VOLTAR P/
SUMÁRIO

Rio, 28/2/2017

Comuna que pariu



Detalhe de foto retirada da rede social do bloco

No centenário da revolução bolchevista, o bloco Comuna que Pariu, do PCB (ou do que sobrou do velho partido) concentrou-se nesta segunda-feira, na Rua Alcindo Guanabara, ao lado da Câmara de Vereadores, na Cinelândia. Se dependesse do número de jovens com emblemas, fantasias e cartazes, a esquerda seria maioria na cidade. Lá pelas 5h da tarde, um grito uníssono de “Fora Temer” ecoou pela rua e arredores. Um dos cartazes brincava: “eu não sou da Globo, mas quero te manipular”

Rio, 06/03/2019

Satanás Universal

O prefeito do Rio não é obrigado a gostar de carnaval. Optar por repouso ou meditação é um direito de qualquer cidadão. O que ele não pode é boicotar a maior manifestação cultural popular da cidade que se dispôs a governar, para nossa infelicidade. Com mais de 20 anos de existência, o bloco Cardosão, em Laranjeiras, congrega foliões de todas as idades e classes sociais. Ao final do desfile, cujo percurso sempre foi subir a ladeira da rua Cardoso Junior, o samba segue rolando solto na quadra, com um show de uma das melhores baterias de blocos da Zona Sul. Pra quem não sabe, a comunidade da Cardoso Junior tem origem em famílias humildes que ocuparam a parte alta do bairro no início do século passado. Lá no alto o casario homogêneo retrata o Rio Antigo.

Este ano, por determinação da prefeitura, o bloco foi obrigado a inverter o percurso. Desceu a ladeira em vez de subir. Resultado: a dispersão causou um enorme engarrafamento na Rua das Laranjeiras, junto à praça Ben Gurion. Fica difícil descobrir a fronteira entre a incompetência e a má fé. A bagunça foi tamanha que alguns foliões encontraram novo significado para a sigla CET-Rio. Em vez de Companhia de Engenharia de Tráfego, que tal Crivela Engarrafa o Trânsito? Sai pra lá, Satanás Universal.



Rio, 05/3/2017

De volta ao sambódromo

Não ia ao sambódromo desde o século passado. A última vez que assisti a um desfile de escolas de samba do primeiro grupo foi trabalhando como repórter da sucursal da Folha, lá pelos idos de 1995. Por isso foi grande a sensação de êxtase diante da grandiosidade e da criatividade da festa. Um reconhecimento do talento do que artistas brasileiros, a maioria anônimos, podem fazer, nos barracões, no desfile e na arquibancada. A Mocidade Independente de Padre Miguel – minha escola – passou linda, mas a Portela mereceu o título. Tão bonito quanto o desfile foi o espaço elegante aberto pela escola de Natal à Império Serrano, campeã do segundo grupo (recuso-me a escrever esta bobagem de grupo especial e grupo A). As alas enfileiradas encheram de orgulho o pessoal de Madureira e Osvaldo Cruz. A nota destoante foi a Liesa, que vendeu mais ingressos do que devia e não estendeu a meia entrada aos professores da rede estadual de ensino, que já sofrem nas mãos do governo Pezão e seus asseclas.



Rio, 01/3/2017

Meu pai, Alda e André são portelenses. A última vez que a Portela venceu, em 1984, meu pai estava vivo, André não tinha nascido e Alda ainda estudava Jornalismo. Parabéns aos três pelo rio que passa por nossas vidas.

Rio, 03/3/2019

Dialética do cotidiano

O carnaval no céu vai ficar mais animado este ano. Alfredinho subiu ontem à tarde para brincar com Pixinguinha e Ary Barroso, que também morreram nos dias de folia. Sua fantasia tinha as cores verde e rosa, de sua querida Estação Primeira, e também o preto e branco do nosso Glorioso. Quis o destino que Alfredinho viajasse antes da derrota do Botafogo para o Volta Redonda por 1 a 0 ontem à noite. Dono do alegórico Bip Bip, um dos mais tradicionais pontos etílicos de Copacabana, este sujeito mal humorado, de 75 anos, sintetiza a alma carioca. Fazia da vida uma dialética do cotidiano. Era ao mesmo tempo ríspido e solidário, antipático e engraçado, católico e comunista. Graças a Deus. Uma vez fui visitar o botequim numa tarde de meio de semana. Alfredinho estava lá sentado do lado de fora e o bar, vazio. Eu não o conhecia pessoalmente. Pedi uma cerveja e ele, sem me olhar direito, avisou que só tinha em lata e eu mesmo deveria buscar na geladeira. Como sabia que nós dois mantínhamos a mesma paixão pelo Glorioso, puxei assunto sobre futebol. No fundo do bar um poster enorme estampava a foto de Pelé no ar dando uma bicicleta. O registro é de Alberto Ferreira, um dos maiores repórteres fotográficos de esportes e editor de fotografia do Jornal do Brasil. Depois de elogiarmos juntos a plasticidade da foto e a aparente precisão do lance, Alfredinho perguntou: “Você sabe qual foi o desfecho da jogada?”. Diante da minha negativa, ele emendou com um sorriso irônico no canto da boca: “A bola foi parar longe do gol”. O Rio de Janeiro, o futebol e Alfredinho compõem um universo em que as aparências enganam. No caso de Alfredinho, os amigos garantem que a vida real era muito melhor que as aparências. Deus vai ter muito trabalho com este sujeito ranzinza.

*Fazia da vida uma
dialética do cotidiano.
Era ao mesmo tempo
ríspido e solidário,
antipático e engraçado,
católico e comunista.*

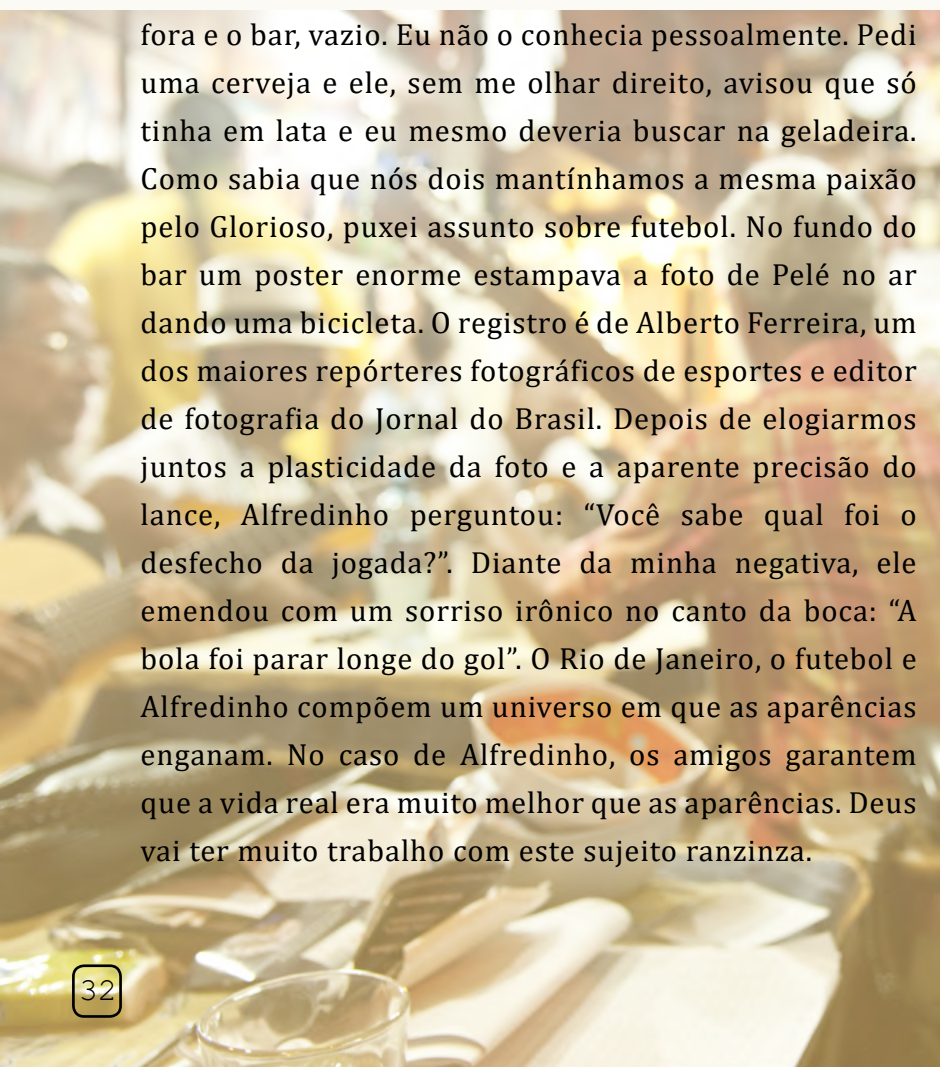


Foto de Marcelo Carnaval

Rio, 04/03/2014

Salve a Mocidade e mestre André

Apesar do que dizem os especialistas, ser a primeira escola de samba a desfilar tem lá suas vantagens. Primeiro o índice de audiência da TV tá lá em cima. Quem se preocupa com marketing e merchandising embutidos no desfile sabe bem dessas coisas. Porém o mais importante é que as pessoas estão acordadas e com os olhos grudados na telinha, sem palitinho.

Ver a Mocidade ontem foi um presente dos deuses do carnaval e do espírito de Fernando Pinto. O samba-enredo tinha melodia, tinha letra, as alegorias estavam bonitas e fáceis de entender, a bateria era conduzida pelo neto de mestre André. As mulheres não tinham silicone, ou pelo menos era isso o que prometia o release. Apaixonei-me pela Mocidade Inde-

pendente desde um carnaval na década de 70, ainda na Presidente Vargas. Apenas uma corda tosca separava desfilantes e plateia. O *must* da época eram os bailes do Municipal e do Monte Líbano, que consumiam a atenção de boa parte da programação de TV. Pois eu ali do lado da corda, numa manhã de segunda-feira, e eis que surge a bateria da Mocidade, com um ritmo contagiante que eu nunca tinha visto/ouvido na vida.

À frente, o mestre André. Impossível esquecer a sensação de estar dentro da bateria. Virei Mocidade. Meu filho mais novo, estudante de Geografia na UFF, deve terminar a licenciatura daqui a dois anos. Aí terei o privilégio de ter um mestre André em casa.



Foto: Zeca Guimarães

Rio, 16/3/2015

Legal paca

Neste domingo estive treinando para a volta ciclística Quito-Medellin. Meu domingo de aniversário foi muito bacana. Fui às ruas de Paquetá com Alda e os quatro pimpolhos, já um tanto crescidinhos. Pedalamos de bicicleta e quadriciclo, fomos ao parque Dark de Matos e ao Centro Cultural em São Roque. Só não deu pra mergulhar porque a água estava muito suja de óleo. Que pena. Uma ilha tão linda cercada de autoridades incompetentes por todos os lados. Ninguém consegue tocar o projeto de despoluição da Baía de Guanabara, promessa que se vem arrastando desde os tempos da Rio-92. Enganaram até os japoneses que emprestaram dinheiro ao estado a fundo perdido. /// Voltamos a tempo de ver o Botafogo vencer de 3 a 0. Pra quem não sabe, Paquetá é um substantivo de origem tupi, que significa “muitas pacas”. O dia em que finalmente cumprirem a promessa de despoluição, o preço das casas em Paquetá vai disparar que nem a moreninha do romance de Joaquim Manuel de Macedo terá grana pra comprar.



Rio, 22/6/2015

Dois goles de história



Uma das frases mais verdadeiras é a que diz que a História costuma ser escrita pelos vencedores. E geralmente os vencedores são os ricos ou aqueles que enriquecem após a vitória, quase sempre às custas do empobrecimento de quem perde. Não falo aqui de guerras, mas sobre versões de episódios e personagens que escrevem a história da cidade do Rio de Janeiro. A matéria de capa da Revista RioShow, encartada no Globo desta sexta-feira, avisa que a cachaça conquistou espaço nos restaurantes sofisticados da Zona Sul, onde uma dose de Havana, por exemplo, pode chegar a R\$ 58,00. Lá pelas tantas diz que uma das sócias da Academia da Cachaça foi “pioneira em servir cachaças na cidade”. Quanto desconhecimento.

Desde os anos 70, a Rua Mem de Sá, no Centro, abrigava uma pequena loja de somente uma porta chamada Casa da Cachaça. O lugar era simples e mal se podia circular lá dentro, tal a quantidade e variedade de garrafas de pinga de todas as procedências. O dono, se não me falha a memória Seu Osvaldo, era um mineiro de Dona Eusébia, pequeno município ao lado de Cataguases, na Zona da Mata. Todo mundo pensava que ele era português por conta do sotaque. Seu Osvaldo passara a infância em Portugal.

Gostava muito de conversar com ele e experimentar no balcão as pingas que ele me indicava. Entre um gole e outro, dedos de prosa. Seu Osvaldo contou certa vez que foi a um bar no Jardim Catarina, bairro de São Gonçalo, e bebeu uma cachaça honesta que veio de Minas. Anotou o endereço e o telefone que constavam no rótulo, ligou pra lá e encomendou algumas caixas. Fez a mesma coisa com cachaças boas que experimentava, até criar uma carteira de bebidas (e de endereços) de fazer inveja. Com o tempo, dispensou as encomendas a distância e passou a ir pessoalmente aos alambiques de Minas.

Ainda segundo Seu Osvaldo, um dia uma moça fina chegou ao bar e lhe fez uma proposta tentadora. Propunha-se a custear a viagem dele pelo interior desde que ela pudesse acompanhá-lo. Seu Osvaldo recusou a proposta. Mais tarde, segundo ele, aquela moça se tornaria uma das donas da Academia da Cachaça, que teve o mérito, este sim, de ser a primeira casa especializada em servir cachaça de qualidade para a classe média do Leblon.

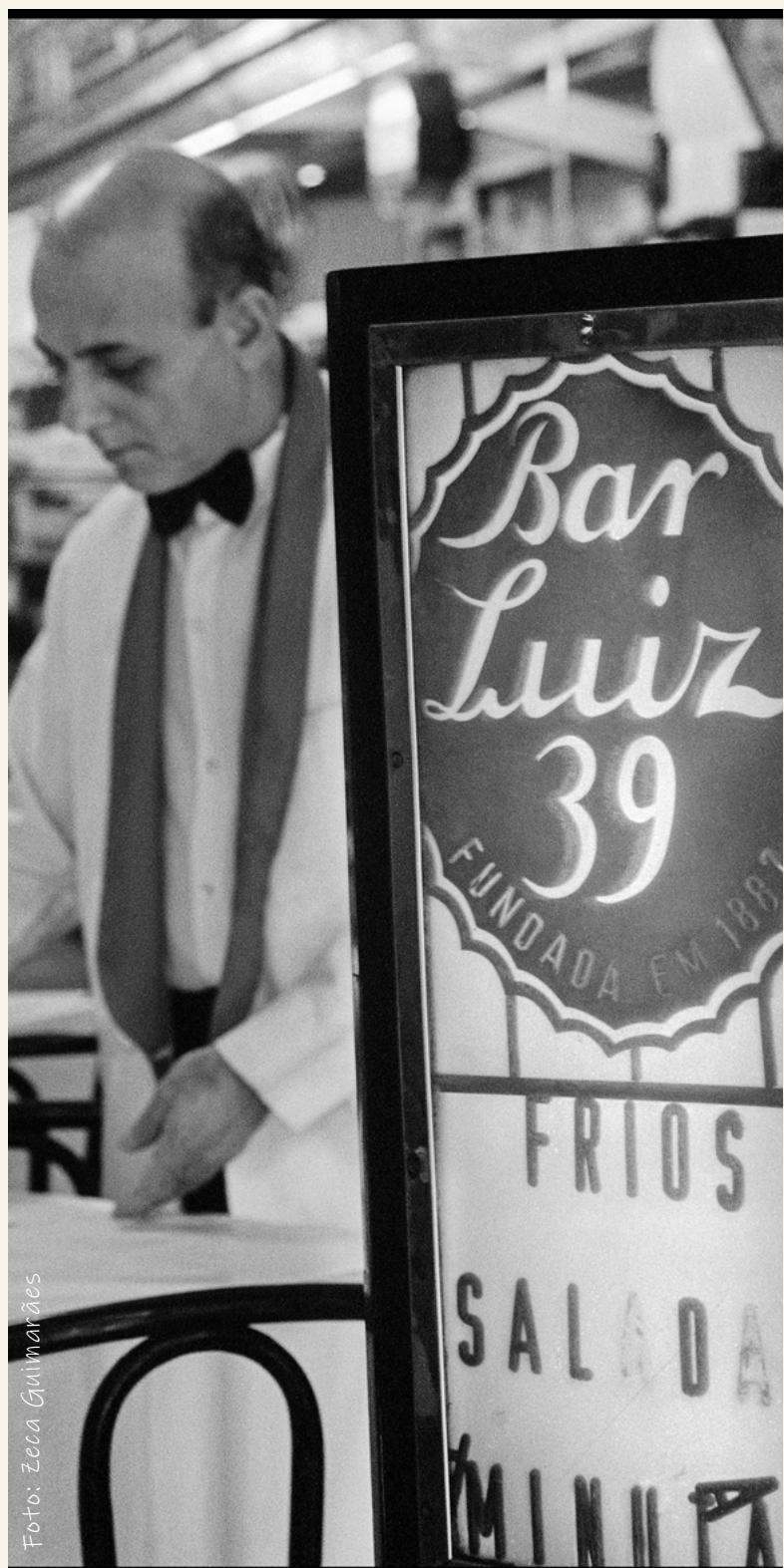
Há uns 15 anos, um amigo, Justino Vieira, professor aposentado de Engenharia Civil da UFF, convidou-me para ir à Casa da Cachaça, que ainda sobrevivia a duras penas na Mem de Sá. Batemos um longo papo com Seu Osvaldo. Na saída, Justino sugeriu que fizéssemos um vídeo com ele para que essa história não caísse no anonimato. Não deu tempo. Seu Osvaldo foi atropelado e morreu no Hospital Souza Aguiar. De fato, a História é escrita pelos vencedores. Mesmo que seja uma baita mentira.

Um dia uma moça fina chegou ao bar e lhe fez uma proposta tentadora. Custear a viagem dele pelo interior desde que ela pudesse acompanhá-lo. Mais tarde, aquela moça se tornaria uma das donas da primeira casa especializada em servir cachaça de qualidade para a classe média do Leblon.

Rio, 07/9/2019

Ressaca carioca

O Bar Luiz - a mais antiga choperia do Rio de Janeiro - fundado em 1887, ainda no império, está ameaçado de fechar as portas em definitivo. A data prevista para o fechamento é 14 de setembro, daqui a uma semana. Um absurdo completo, que só se explica pela ganância do banco proprietário dos prédios da Rua da Carioca, que vem aumentando o valor dos aluguéis de forma criminoso. O bar faz parte da história do Rio de Janeiro. Fundado por um brasileiro de origem suíça, passou por diversas mãos. O segundo dono foi Adolph Rumjaneck, afilhado do primeiro dono. Daí Bar Adolph. Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, após o afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, o clima de revolta contra a Alemanha tomou conta da cidade. Pensando que o nome do bar era uma homenagem a Adolf Hitler, um grupo de 200 jovens, muitos deles estudantes do Colégio Pedro II, concentrou-se na Rua da Carioca para apedrejar o estabelecimento. Foram impedidos por um cliente celebridade. Nada mais, nada menos do que Ari Barroso, autor da canção ufanista "Aquarela do Brasil". Detalhe: Ari nasceu em Ubá, a terra de meus pais na Zona da Mata mineira. Assustado, o dono na época, chamado Ludwig, decidiu mudar o nome para Luiz. A história foi contada em matéria do Globo escrita em 2015 pela repórter Ana Paula Blower, filha da minha amiga e colega de UFF Lia Blower. Hoje a ameaça de fechamento não tem nada a ver com os alemães, mas com a ganância dos novos proprietários deste e da maioria dos prédios antigos da Rua da Carioca, vendidos pela Igreja católica.



Rio, 06/01/2015

Vassoura mágica

A coisa mais inesquecível do Bar do Felipe, ao lado do antigo prédio do **Globo**, na rua Irineu Marinho, era o ritual cerimonioso da limpeza da chapa de grill. Aquela mesma vassoura, que trabalhara o dia todo limpando o chão ímpio do logradouro etílico, por volta de meia-noite cumpria hora extra na lavagem do grill que fizera dezenas de mistos quentes ao longo do dia. Quando presenciei a cena, nunca mais tive coragem de comer um misto quente ali.



Ilustração de Daniel França

Rio, 14/3/2015
Chama acesa



Cinco anos depois do fechamento do Jornal do Brasil, os ex-jotabedianos voltam a se encontrar neste sábado, na Fiorentina, num almoço aberto à participação de todos. Gente de todas as idades, todas as editorias, todas as ideologias. Esse encontro dá o que pensar. Muito mais do que pura nostalgia, a reunião revela algo que uma empresa jornalística não costuma fomentar: o afeto. Uma certa relação de pertencimento que ultrapassa a fronteira do tempo. E por que este afeto se mantém? Sei lá, mas me arrisco a dizer que se mesclam no ar sensações de agradecimento pelo aprendizado, saudade dos bons momentos e uma ideia de manter acesa a chama do bom jornalismo. Será o primeiro encontro sem Sérgio Fleury, o eterno repórter que ajudou a perpetuar este afeto. O JB não foi destruído pela redação, mas pelos desmandos de uma família que acreditava piamente ter sangue azul e sangrou os cofres da empresa. Escreve Mário Quintana: “os livros não mudam o mundo. Os livros mudam as pessoas, que mudam o mundo”. Parodiando o poeta, pode-se dizer que uma redação não muda a imprensa. Uma boa redação pode mudar os jornalistas, que mudam, estes sim, a imprensa.

Rio, 21/8/2016

Ser ou não ser carioca, eis a questão

Afinal, o que é ser carioca? Pergunta difícil esta, ainda mais quando nos despedimos do papel de anfitriões de um grande evento esportivo. Talvez seja melhor definir o conceito perguntando o que não é ser carioca. Não ser carioca é imaginar uma cidade partida, que define um divisor de águas (ou de asfalto) na avenida Radial Oeste, a que dá acesso ao Maracanã, ou na Avenida Brasil, que liga o Centro à Zona Oeste. Os Jogos Olímpicos tiveram o mérito de tentar romper esta barreira, promovendo competições no Maracanã, no Engenhão, na Glória, na Lagoa, em Deodoro e em Jacarepaguá. Ser carioca é ser carinhoso como o saxofone de Pixinguinha, gostar das bachianas de Heitor Villa-lobos, do samba do avião de Tom Jobim, da Construção de Chico Buarque ou do Deixa a vida me levar, de Zeca Pagodinho. Mas ser carioca é muito mais do que isso. Ser carioca é adotar todos os brasileiros e estrangeiros que escolheram este lugar, encravado entre o céu e o mar, para construir suas vidas. E acreditar na tolerância. Eu mesmo sou um filho de migrantes mineiros, que me ensinaram a amar a cidade onde nasci. A cerimônia do final das Olimpíadas teve o mérito de mostrar uma cidade cosmopolita. Quem vive aqui sabe que na prática não é bem assim, mas fica o recado. Algum dia pode ser.



Foto de Marcelo Carnaval

Rio, 18/2/2016

Avenida Brasil



Fiz um roteiro incomum nesta quarta-feira. Fui de ônibus de Duque de Caxias ao terminal de Niterói. O trajeto levou menos de uma hora. Não seria nada demais se não tivesse atravessado a Avenida Brasil. É duro constatar a decadência da principal avenida da cidade. Prédios sucateados, indústrias fechadas, quadras inteiras entregues ao abandono. No meio disso tudo as obras do BRT. Quando ficarem prontas, o Rio terá mais um belo contraste entre a modernidade e o descaso. Fica uma sugestão para batizar o BRT da Avenida Brasil: que tal trem-bala da miséria?

Rio, 23/10/2020

Comércio variado

Uma das frases que melhor traduzem a vida no Rio de Janeiro é aquela do Tom Jobim. Quando alguém quis saber por que ele havia desistido de morar nos Estados Unidos e voltado para o Brasil. O compositor carioca respondeu sabiamente: “Lá é bom, mas é uma merda; aqui é uma merda, mas é bom”. Ontem fiquei sabendo da morte de Seu Arnaldo, com quase 90 anos, um simpático senhor português que durante décadas foi dono de uma casa de ferragens na Rua das Laranjeiras, em frente à churrascaria Gaúcha, aquela que ostenta na fachada o que dizem ser o maior monumento gay da cidade, uma estátua enorme de um gaúcho de bombacha. Do outro lado da rua a loja que foi do Seu Arnaldo vende até hoje parafusos, pregos, ruelas, ferramentas e outras cositas más. Uns 25 anos atrás seu Arnaldo resolveu expandir o negócio e passou a vender cachaça artesanal, feijão mulatinho e café, que ele mandava trazer do sítio do genro no sul de Minas. Claro que tudo era feito na mais completa informalidade. Eu mesmo me encarregava de levar garrafas PET vazias para Seu Arnaldo encher nos fundos da loja. Ele também tinha o cuidado de só vender para fregueses de confiança, ou seja, um negócio no estilo *privé*, como apreciam os coxinhas. Certa vez comentei a história com um jornalista holandês da Rádio Nederland que passava uma temporada por aqui. O sujeito custou a acreditar. Seu Arnaldo era português e foram justamente os portugueses que criaram os botequins na cidade. Em Portugal não há botequins; apenas tascas e algo horroroso chamado snack bar. Em que outro lugar do mundo uma loja de ferragens vende cachaça artesanal e feijão? Talvez na cidade do México, o país mais parecido com o Brasil que eu conheço. Acho que o Tom gostaria de morar lá se não fossem os terremotos. A tequila artesanal é tão boa quanto a nossa cachaça.

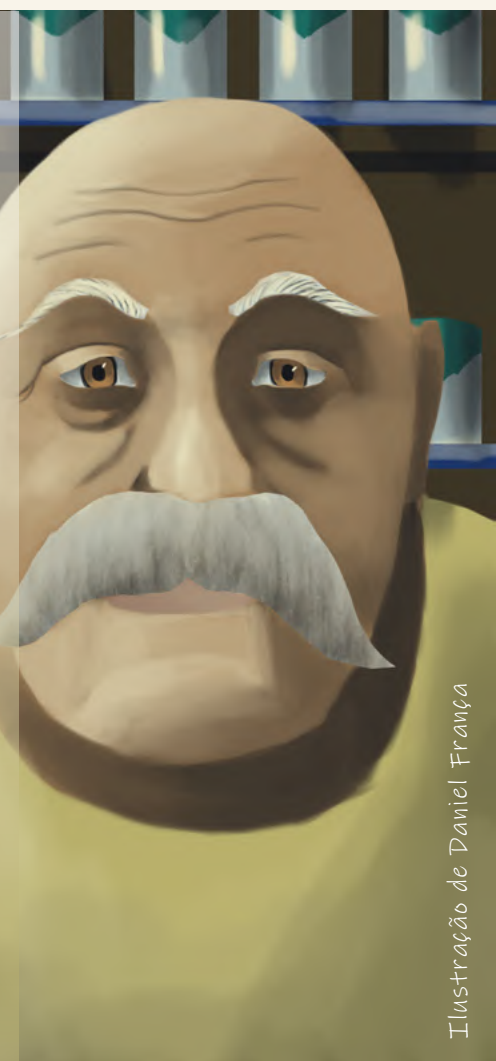


Ilustração de Daniel França



Foto: Zeca Guimarães

Precisão matemática



Foto: canva.com

Leio no jornal: “Obra do Túnel da Via Expressa está 82% concluída”. A manchete me enche de orgulho patriótico pelo nível de detalhamento da engenharia tupiniquim. Nem 80%, nem 85%, nem 90%. Exatos 82%. Fico pensando como os executivos foram capazes de chegar a este percentual tão preciso numa obra que envolve sondagem de solo, perfuração de 6,8 km a uma profundidade de 46 metros, estudos geológicos, refrigeração e acabamento, entre outros trabalhos que minha ignorância nem supõe. Daqui a um ano, espero que o jornal não volte a informar: “Obra do Túnel da Via Expressa está 42% atrasada”.

Rio, 22/10/2020

Anjo de Olaria

João Pedro Rodrigues Feitosa, 28 anos, carioca de Olaria, médico recém-formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhava na linha de frente e ofereceu-se como voluntário para os testes da vacina produzida pelo laboratório AstraZeneca, em conjunto com a Universidade de Oxford, do Reino Unido. De acordo com os responsáveis pelo monitoramento, João Pedro tomou uma vacina contra meningite como parte da testagem. Mais uma morte entre outras 155 mil só no Brasil. Mesmo sem pertencer à família, mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, fica difícil não pensar numa vida promissora interrompida. Um jovem médico respeitado e amado pelos colegas de turma, da qual chegou a ser monitor na faculdade. João Pedro morreu no dia 15, Dia do Professor e três dias antes do Dia do Médico. Pela descrição dos colegas, João Pedro amava a medicina e amava o bairro de Olaria, tanto que fazia questão de ostentar o escudo do clube no peito. Dizer que ele foi um herói seria lugar comum. Dizer que foi um soldado que tombou na batalha é presumir que vivemos uma guerra. Mas esta guerra se vence com a ciência e não com tiros de canhão, nem bravatas de imbecis no comando. Covardes que dão ordens sem sair do gabinete, como os generais que permanecem a quilômetros do teatro de operações. Melhor dizer que João Pedro virou anjo para cuidar da gente na eternidade.



Rio, 03/11/2019

Bagagem de vida

Boa matéria do Globo deste domingo sobre os moradores de rua do centro do Rio. Um tema relevante que os jornalões costumam jogar para escanteio. Na TV somente o *Profissão Repórter* – aquele que vai ao ar depois de meia-noite - trata do tema. Este jornalismo lembra os bons tempos do *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Jornal da Tarde* e revista *Realidade*. A reportagem “Vidas que cabem numa bolsa – a bagagem dos moradores de rua”, de Geraldo Pereira e Hermes de Paula, traça o perfil de seis pessoas, seis desempregados vítimas da recessão. Gente como o gaúcho Jorge Roberto, 34 anos, ex-gerente de hotel, ou Carlos Ulisses, 56 anos, que chegou a ganhar 10 mil reais na Odebrecht e hoje dorme sob uma marquise na Avenida Marechal Câmara. A matéria ajuda a desmistificar a ideia de que a rua é moradia exclusiva dos miseráveis e desajustados mentais.

O romance *Os miseráveis*, de Vitor Hugo, que descreve a injustiça social na Paris de meados do século XIX, nunca esteve tão atual na crise que assola o Rio de Janeiro. Estes seres humanos que parte da classe média carioca insiste em considerar invisíveis compõem hoje o cenário não apenas do centro da cidade, mas de toda a Zona Sul e parte da Zona Norte. Aqui mesmo em Laranjeiras, William Daniel Rodrigues de Almeida, aparentando 50 anos, vive há mais de cinco anos sob a marquise em frente ao mercado Princesa. Recentemente um grupo de moradores e comerciantes da Rua Ribeiro de Almeida chamou a prefeitura e a Polícia Militar para expulsá-lo do lugar e recolher seus

pertences. Mais humanos do que os moradores, os dois cabos do 2º BPM recusaram o pedido. Duas semanas depois, sob a capa do projeto Segurança Presente, a Prefeitura removeu seus pertences. Rapidamente foram colocados vasos de planta no local para que ele não mais dormisse ali. Muitos destes moradores frequentam o culto aos domingos, rezam antes de dormir e se consideram excelentes pais de família. A mera presença deste homem, que não bebe e não molesta ninguém, incomoda a classe média. William passa quase todo o dia lendo. Certamente tem mais leitura do que vários de seus algozes. Se Vitor Hugo estivesse vivo, talvez tivéssemos aqui um novo Jean Valjean.



Rio, 27/9/2019

Balas perdidas, vidas desperdiçadas



Cinco mortes de crianças em favelas cariocas desde janeiro, vítimas de alegado confronto entre a polícia e supostos traficantes. Como disse em manifestação pela democracia na ABI a mãe de outra criança morta em 2018: “na favela não existe bala perdida; existe sim bala achada”. Até quando vamos suportar essa chacina de inocentes? Será que a sociedade só vai abrir os olhos quando morrer um filho ou neto de um juiz, procurador, banqueiro ou político importante? Esse morticínio não começou agora, mas vem crescendo estupidamente desde janeiro devido à ação irresponsável deste governo incompetente e insensível. Um gestor inexperiente que se comporta como um xerife medíocre do Velho Oeste norte-americano. Estes crimes, quase sempre impunes, começam a repercutir no exterior.

*“Na favela não existe
bala perdida; existe sim
bala achada”.*

Rio, 17/10/2014

Mãos estendidas

Fim de tarde na Rua das Laranjeiras, zona sul do Rio. Na calçada gente que passa apressada atropelando camelôs, moradores de rua e distribuidores de folhetos de propaganda. A 50 metros da agência da Caixa Econômica, uma moça jovem sentada no chão pede dinheiro com as duas mãos estendidas. A mulher não segue o perfil dos moradores de rua do Rio de Janeiro. É loura, tem olhos azuis e o rosto afinado. A curiosidade do repórter cede lugar à vergonha de puxar conversa, mas fica a pergunta: que história de vida tem aquela moça ignorada por quem passa? Há muito tempo o fradinho baixinho, personagem eternizado por Henfil, me ensinou que a classe média dá esmola

Com a inflação do sentimento em alta, a nota de R 2,00 que salta do meu bolso não consegue comprar nem isso.

não para ajudar os pobres, mas para aplacar nosso sentimento de culpa. Com a inflação do sentimento em alta, a nota de R 2,00 que salta do meu bolso não consegue comprar nem isso. Pobre do país que se preocupa mais com o PIB do que com a desigualdade.



arte: @lenabenz sobre imagem canva.com

Rio, 14/12/2016

BanGourmet 8

Uma sugestão aos pauteiros, se é que ainda sobrevivem nas redações cada vez mais enxutas. Um acordo entre o diretor e o hóspede vip do Grande Hotel Bangu 8 redundou na melhoria da qualidade das refeições servidas pelo concessionário, dizem, grande amigo do hóspede vip. Agora que o moço de Mangaratiba mudou-se para Curitiba, queria saber como anda a comida em Bangu 8. Cartas para a redação.



Ilustração de Daniel França

Rio, 27/10/2015

Parto desumano

Esta história da diretora do presídio feminino Talavera Bruce¹, em Bangu, na Zona Oeste do Rio, que permitiu que uma detenta dependente química desse a luz em uma cela solitária é tão macabra que parece ter saído de *Vigiar e Punir*, do filósofo Michel Foucault. O livro retrata o comportamento desumano na França da Idade Média. A omissão da diretora – quem sabe possamos chamar de crime – não aconteceu no interior do Nordeste, nem num povoado da Amazônia, num campo de concentração nazista, na África ou no Afeganistão. Aconteceu no Rio de Janeiro, em pleno século XXI, e com a conivência das demais funcionárias.



Foto: Agência Brasil

1. Inaugurado em 1943, o instituto penal ganhou o nome do juiz Roberto Talavera Bruce. Em 1969, passou a receber mulheres presas políticas na ditadura. Muitas chegaram ao presídio após terem sofrido tortura nos interrogatórios comandados por oficiais militares. As péssimas condições da comida servida nas refeições levaram as mulheres a realizar duas greves de fome entre 1970 e 1972.

Rio, 26/1/2015

Vila União

A Prefeitura do Rio de Janeiro pretende remover os moradores da comunidade da Vila União de Curicica, em Jacarepaguá, para favorecer a valorização imobiliária da região, sob o pretexto da via Transolímpica. De acordo com os moradores da Vila União, não estão sendo oferecidas casas em área semelhante ao imóvel desapropriado, como determina a lei. A Prefeitura debocha dos moradores ao propor indenizações a partir de R\$ 20 mil por imóveis maiores do que os que o município oferece. Não custa lembrar que Eduardo Paes começou sua vida pública como subprefeito da Barra na gestão de Cesar Maia, seu padrinho político. Antes disso, era namorado da filha do prefeito. Bela carreira.



Rio, 14/4/2015

Choque impressionista

A foto principal da capa do Globo desta quarta-feira lembra um quadro impressionista, mas é de um realismo que escancara a miséria brasileira. O fotógrafo Pablo Jacob (será filho ou neto do velho Alberto Jacob?) registra o momento em que soldados do Batalhão de Choque expulsam as pessoas que haviam ocupado semana passada a antiga sede do C. R. Flamengo, na Avenida Rui Barbosa. Cumpriam um mandado de reintegração de posse solicitado pelos advogados do Flamengo depois que a empresa de Eike Batista abandonou o prédio. Toda ação desta natureza, mesmo quando legal, embute uma violência que nem sempre a foto consegue revelar. O direito a uma moradia digna passa longe dos órgãos do Estado. A mulher com semblante de desespero e a idosa com a criança no colo denunciavam um Brasil que nós nos negamos a reconhecer. O pronome “Nós” compreende o governo federal, o PT, o governo estadual, o PMDB, a oposição, as igrejas, a classe média, enfim todos os que se autointitulam “sociedade organizada”. Mas organizada pra quê? No meio disso tudo um oficial da PM teve a coragem de dar voz de prisão a um soldado que jogara spray no rosto de um idoso.



Rio, 25/12/2015

Chácara do céu

Há 30 anos, num plantão da Editoria Rio do Globo num dia de Natal, coube-me a cobertura de um fato do qual nunca me esqueci. Fui fazer a matéria de um suicídio na Chácara do Céu, no Alto Leblon. Um homem jovem se enforcara ao entardecer. Chegamos antes da perícia e a imagem era melancólica. Somente o soldado da PM e nós das equipes de reportagem. Quando o perito chegou, baixou a corda e começou a fazer seu trabalho, com uma descrição detalhada do ritual. A corda aparentava ser nova, donde se supunha que a decisão de dar cabo da vida fora premeditada. A barba estava recém-feita, o que permitia inferir que o homem cuidava de si. As roupas eram de qualidade, assim como os sapatos. Não me lembro se havia documentos com ele. Fiquei pensando como teria sido a noite de Natal daquele homem. Que decepções o teriam feito desistir de viver. Para mim, a pauta jornalística só teria sentido se desvendássemos este mistério. Mas não havia como naquele momento. Voltei para a redação e ainda arrisquei um texto que pudesse alertar para a idiosincrasia, mas a incapacidade de transpor a realidade me fez deixar de lado a literatice. Lead e sublead era o que o fato merecia. Talvez nem isso. O homem, este sim merecia muito mais. Merecia um dia de Natal como todos os outros homens. Mas isso estava muito além do que o jornalismo poderia equacionar. Voltei lá com minha namorada, numa bela tarde de sol de domingo e crianças brincando, para desfazer a imagem daquele Natal. Nunca consegui.



Ilustração de Daniel França

Rio, 22/11/2014

Passeio pelo Rio Antigo

Alda e eu aproveitamos que a cidade está mais vazia (ou menos cheia, dependendo do ponto-de-vista) e fizemos um passeio a pé pelo centro antigo do Rio neste sábado. Numa visita guiada por um professor da Uerj, saímos do velho prédio da Rádio Nacional, na Praça Mauá, e visitamos o terraço do Museu de Arte do Rio (MAR), as subidas do Morro da Conceição, a Pedra do Sal, o casario colonial da Sacadura Cabral, os jardins suspensos do Valongo, o recém-descoberto cais do Valongo e o cemitério dos pretos novos, onde eram despejados os negros que morriam ao chegar em condição precária após a travessia do Atlântico. Os corpos de mais de 30 mil negros foram descartados no local, sem o menor respeito ao ser humano. Nosso passeio terminou na Praça da Harmonia, regado a cerveja e peixe frito. Mas não dá pra deixar de pensar na hipocrisia da sociedade colonial. O cais afastado do centro foi criado em 1811 – três anos depois da chegada da família real – para que os nobres não vissem a degradação a que submetiam os negros. Podiam fazer, mas não podiam ver. Algo assim como determinadas fazendas e construtoras que lançam mão do trabalho semiescravo no interior, mas investem pesado no marketing social.

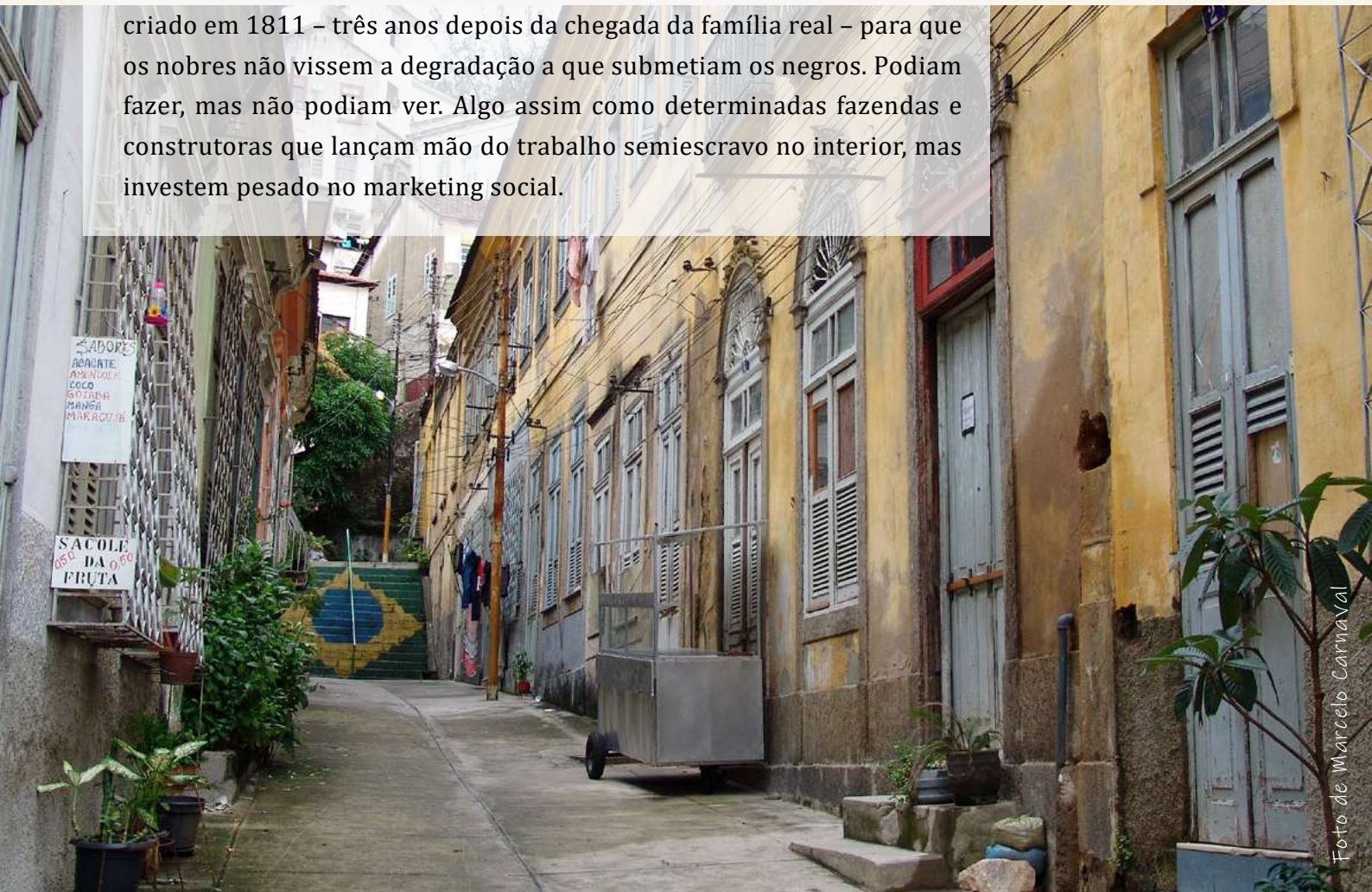


Foto de Marcelo Carnaval

Rio, 23/9/2020

Aqui jaz uma escola de verdade

“Cada colégio que fecha é uma luz que se apaga”. Perdoe-me, professora Celineia Paradela, 77 anos, ex-aluna e ex-diretora do Instituto Bennett em matéria desta quarta-feira no Globo. Há colégios que quando fecham é o sol que se apaga. O Bennett certamente é um deles. Fundado por missionárias norte-americanas nos estertores do Império, em 1887, quando a Constituição ainda impunha o catolicismo como religião do Estado, a escola metodista tem uma história de resistência. É verdade que foram alguns sulistas metodistas derrotados na Guerra de Secessão (1860-1865) que fundaram mais tarde a facção racista Ku Klux Klan nos Estados Unidos, que inspirou o emblema do colégio, mas aqui no Brasil o racismo nunca fez parte do currículo. Ao contrário, a diversidade e a tolerância eram marcas da escola que ocupa o lindo prédio colonial da Rua Marquês de Abrantes, no Flamengo. Meus quatro filhos estudaram no Bennett. Ao longo desses mais de 20 anos de convívio com o colégio, pude constatar um projeto pedagógico baseado na inclusão social. Pedro, o mais velho, foi um dos alunos que receberam num sábado estudantes pobres de uma escola mantida pela Igreja Metodista no interior do estado. A ideia era mostrar que o sentido maior da educação dispensa o conceito de classes sociais, exatamente como os padres jesuítas de Santiago do Chile retratados no filme “Machuca”. Certa vez a professora do ensino fundamental pediu aos alunos que pesquisassem sobre o perfil de

um brasileiro negro que se houvesse destacado na História. Sugeri que André, o caçula, falasse sobre os irmãos Antônio e André Rebouças, engenheiros da Corte do imperador, que entre outras obras coordenaram a construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá, vista pelos ingleses como empreitada impossível por causa dos penhascos da Serra do Mar. Pesquisa feita, não encontramos fotos nem gravuras que comprovassem a etnia dos irmãos. Alda concluiu: “quando a elite não consegue apagar a História, apaga a imagem”. Em outra ocasião, quando João Marcelo contraiu meningite, o Colégio deu uma demonstração magnífica de solidariedade, contrariando o preconceito de muitos com a doença contagiosa. Durante a redemocratização, o Bennett cedeu o auditório Tuckson para uma palestra do líder comunista Luiz Carlos Prestes, dando provas de que a democracia se constrói com o respeito às diferenças de ideias. Foi a única vez que assisti a uma palestra do velho comunista. Nos últimos anos gestões desastradas valorizaram além da conta a faculdade deficitária em detrimento do colégio, mas houve ainda outros erros administrativos da Igreja Metodista que levaram à derrocada. A pandemia foi apenas a pá de cal. Triste para a educação confessional no Brasil, péssimo para quem acredita que a Escola, com E maiúsculo, é um local de aprendizado de conteúdos formais e também um espaço de convívio social e de troca de conhecimentos e dúvidas que o sol ajuda a iluminar. Descanse em paz. Melhor, ressuscite.

Rio, 10/4/2018

Pedaço de nós

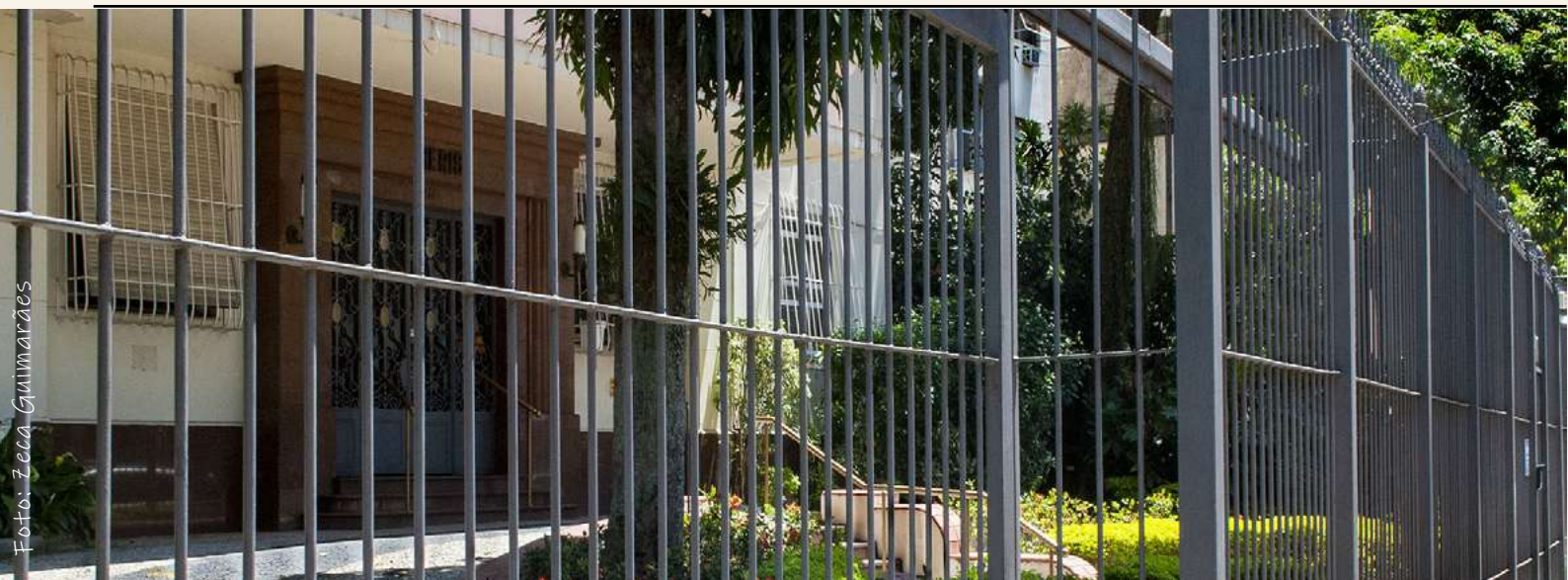


Foto: Zeca Guimarães

As mudanças arquitetônicas e urbanísticas que o tempo se encarrega de promover a nossa volta parecem inevitáveis, mas algumas delas soam como se tivessem cortado um pedaço da gente. É o caso das grades instaladas recentemente num prédio antigo da Rua das Laranjeiras, em frente à Rua Ipiranga. As muretas do Edifício Heris - onde muita gente boa cresceu, como o flautista Mauro Senise - faziam a alegria das crianças do bairro. Lindas com lajotas avermelhadas, funcionavam como um trilho infantil. Uma brincadeira irrecusável. Os pais – os meus primeiro e eu depois – levantávamos

as crianças e as púnhamos sobre as lajotas, com três segmentos que se estendem por toda a fachada do prédio majestoso. O Rio Cidade, de Cesar Maia, tirou um pouco do *glamour* porque elevou a calçada, mas a brincadeira continuou atravessando gerações. Nas últimas semanas, o sonho acabou. Não sei se por motivo de segurança, pichações ou pura implicância, o condomínio mandou instalar grades altas de ferro sobre a mureta avermelhada. Deve ter doído muito as marcas de ferro sobre as pedras anciães, mas certamente doeu mais ainda entre as crianças do bairro e de gente como eu.



Tenores da alvorada

Ilustração de Daniel França

Ricardo, o tenor da vila da Rua do Riachuelo, não é o único cantor de penas a acordar mais cedo os cariocas. Em Laranjeiras, nos acostumamos à cantoria de Oscar, o macho que faz a alegria de um galinheiro no final da rua Ribeiro de Almeida. Oscar foi batizado por mim com esse nome em homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer, que nasceu nessa rua sem saída com o nome do avô, o jurista Antônio Augusto Ribeiro de Almeida. Nunca ouvi qualquer reclamação na vizinhança. E olha que Oscar inicia sua performance por volta de 5h30min da manhã,

em plena alvorada. Espécie de despertador natural de quem precisa saltar cedo da cama. Oscar mora no quintal de um velho casarão que pertencia a uma professora que mantinha uma escola de canto no local. Quando ela morreu, sem deixar herdeiros, o terreno foi ocupado por empregados antigos. Israel, empresário do cantor, vende os ovos produzidos pelas companheiras de Oscar. Não consta que Oscar tenha estudado partitura musical na escola da antiga proprietária. Já o Ricardo da Lapa – conta a matéria do **Globo** –, tem incomodado um morador, que recorreu às redes sociais em busca

de apoio mas o tiro saiu pela culatra. A maioria tomou o lado do cantor e insinua que o sujeito é preguiçoso porque quer dormir até mais tarde. Diz o texto, assinado pelo repórter Geraldo Ribeiro - acaso seria parente do arquiteto? - que Ricardo foi comprado de um morador de rua, que lhe dava cerveja.

A matéria não detalha a marca da bebida, o que certamente interfere na cantoria. Se Ricardo bebesse uma cerveja especial, daquelas sem milho, o tom seria afinado, com variações perfeitas de agudo e grave. Já uma Itaipava ou Glacial pode causar danos irreparáveis à garganta de Ricardo, incluindo desafinação. Na vila da Rua do Riachuelo, com o novo dono, imagina-se que Ricardo esteja passando por uma fase de desintoxicação, mas livre daquelas reuniões chatas do A.A.A. Ricardo é pai de família. Na casa vivem dois filhotes e a mãe, Janaína. O internauta queixoso quer a remoção da família de Ricardo ou confiná-los em local fechado, mas a vizinhança segue irredutível. Entre o chato da internet e o pai de família, preferem tenor de penas, que já teria sido sondado pelos produtores do The Voice Brasil.

Rio, 15/9/2019

Morrinho, réplica do real



Fotos: Zeca Guimarães

O projeto Morrinho existe há quase 20 anos, mas pouca gente o conhece, mesmo quem mora no Rio de Janeiro. As maquetes em blocos de tijolo vazados retratam uma comunidade e seus conflitos e encantam quem sobe o morro do Pereirão para conhecer. Eu mesmo, que moro em Laranjeiras desde que nasci, só tomei conhecimento do projeto pelo *Domingão do Faustão*. É contagiante ver o trabalho de artistas populares como Sirlan, um dos fundadores, hoje com 34 anos e morando na favela depois de ter viajado para Barcelona, Paris e Bruxelas. As visitas devem ser agendadas. Um dos contatos é o restaurante ABCD, do Cláudio, que serve uma boa picanha por bom preço.



Rio, 23/11/2015

Grandeza de engarrafamento

O escritor argentino Julio Cortázar tem um conto, publicado no livro “Todos os fogos, o fogo”, sobre um engarrafamento na volta de um fim de semana, na periferia de Paris, em que os motoristas assumem a personalidade dos carros, luxuosos ou populares. Em Botafogo, a Rua Real Grandeza, no trecho entre a São Clemente e a Voluntários da Pátria, revive

diplomatas e executivos. Omissa como sempre, a prefeitura de Paespalhão destaca dois guardas de trânsito para organizar a bagunça, mas nada se faz contra o estacionamento em fila dupla. Nem um reboque sequer para contar história. Mas a Escola Britânica não é a única nesta suruba sobre rodas. Na Rua das Laranjeiras, nesta segunda-feira, às 18h, havia 10 ônibus



diariamente o conto de Cortázar. Lá, de 14h às 16h, mais de 20 carros e caminhonetes de luxo, com destaque para as Land Rovers, permanecem paradas em fila dupla, e às vezes tripla, à espera da saída dos alunos da Escola Britânica. Os demais veículos que precisam atravessar a quadra em direção a Copacabana que se danem. O importante é a segurança dos estudantes do colégio onde estudam filhos de empresários,

escolares parados em fila dupla. A diferença é que não havia nenhum guarda. O dono do Colégio Franco Brasileiro é o deputado federal Júlio Lopes, que até dezembro ocupava o cargo de secretário de Transportes do Estado. Ele deveria dar o exemplo de civilidade e educação de trânsito? É melhor perguntar a Cortázar, um dos monstros do realismo fantástico da literatura latino-americana.

Rio, 5/11/2017

Santa Teresa à venda

Quem está há tempos sem ir a Santa Teresa volta hoje com a impressão de que o bairro está à venda, tantas são as placas oferecendo apartamentos, casas e lojas. Nas ruas Almirante Alexandrino, Oriente e Paschoal Carlos Magno, o que mais se vê são cartazes de imobiliárias e de proprietários. Mesmo aos sábados, os tradicionais bares Mineiro e do Gomez estão praticamente vazios. Quem diria, antes era preciso esperar na calçada. Sinal da crise ou consequência do aumento da violência? É difícil afirmar, mas passa a ideia de que um conjunto de fatores leva as pessoas a querer mudar-se do bairro mais europeu e um dos mais charmosos da cidade. Desde o acidente fatal com o bondinho, em 2011, Santa Teresa ficou mais triste. Em 2016 o bonde voltou a circular, mas praticamente restrito a turistas, com uma espécie de cancela junto ao estribo para evitar os caronas. Questão de segurança? Pode ser, mas a passagem de R\$ 20 afasta os moradores. É como se eles vissem passar pelo bairro uma *limousine* a cada 20 minutos a que não têm acesso. Até o acidente, a passagem custava 60 centavos. O governo Sérgio Cabral e o de seu fiel escudeiro Pezão transformaram Santa Teresa em um bairro partido. A dica é subir de ônibus e descer de bonde, porque sai de graça. Pelo menos por enquanto. A falta de dinheiro da população deixou os bares vazios. Tá faltando alegria.



Rio, 7/9/2020

Civismo inocente

O mais distante Sete de Setembro de que me lembro foi o de 1965, no ano seguinte à Redentora ou golpe civil-militar, a gosto do freguês. Só não se deve chamar de “revolução”. Cursava o primeiro ano ginásial no Colégio Zaccaria, de padres barnabitas.

Na semana anterior divulgou-se no colégio que haveria uma solenidade cívica na Praça José de Alencar, na divisa entre os bairros do Catete e do Flamengo, e que os alunos deveriam comparecer uniformizados. Não me recordo se houve circulares aos pais, mas o medo de punição pela ausência tomou conta daquele menino de 11 anos. Ao chegar ao pé da estátua do escritor reverenciado por criar a verdadeira “língua brasileira”, encontrei meia dúzia de gatos pingados do colégio e nenhum professor. Talvez um inspetor de disciplina vestido de verde-amarelo. Discursos, hinos, continências e, pronto, lá se foi o meu sábado de sol. Foi a primeira vez que me senti enganado pelo tal “espírito cívico”.

Concordo com a professora da Unicamp Eni Orlandi, para quem o regime militar surrupiou nossos símbolos. Primeiro tomaram a bandeira, depois o hino com letra parnasiana e ufanista. O povo? Bem o povo, este serve para pagar impostos e aplaudir do lado atrás da corda de segurança. Mas nos poucos momentos de guerra é o povo que vira bucha de canhão no front. Foi assim na Guerra do Paraguai, com o batalhão de negros que compunham os Voluntários da Pátria a quem se prometeu alforria. Nunca se soube ao certo se a promessa foi cumprida.

Na Segunda Guerra os dois regimentos que formavam a FEB (Força Expedicionária Brasileira) ficavam sediados no Rio de Janeiro (o Regimento Sampaio) e o Tiradentes, junto a São João del Rey, em Minas Gerais. Para a Itália foram primordialmente recrutas mineiros, paulistas e nordestinos. Dois filhos de meu avô paterno - Norton e Antonio - e o primo de minha mãe, José Germano Mendonça, lutaram na Itália. Todos eles, os tios e o primo, eram mineiros. Norton levou um tiro na perna e nunca mais recuperou a caminhada sem mancar.

Concordo com a professora da Unicamp Eni Orlandi, para quem o regime militar surrupiou nossos símbolos. Primeiro tomaram a bandeira, depois o hino

A eles, aos demais pracinhas e aos jovens oficiais que colocaram suas vidas em jogo para enfrentar o nazismo e o fascismo, assim como aos militares da chamada “Turma da costa”, que ficou aqui para defender o litoral dos ataques dos submarinos alemães - foram 33 navios mercantes afundados - meus respeitos e admiração. Mas aos civis que se prestam hoje ao trabalho sujo no governo autoritário e a esse punhado de generais no poder que nunca foram à guerra e que, passados 75 anos do fim do conflito, insistem em seguir Bolsonaro e flertar com a doutrina neonazista e neofascista, meu desprezo.

Rio, 31/7/2020

Maldade animal

Meu nome de batismo científico é *Hydrochoerus*, o apelido é Capivara, mas os amigos íntimos me chamam de Piva. Habito os rios, lagos e pântanos de vários países do continente a leste da Cordilheira dos Andes. Dizem que sou o maior mamífero roedor do mundo e peso em torno de 90 kg, mais ou menos como os humanos adultos machos. E é justamente com eles que estou enfurecida. Esta semana cansei da quarentena e re-

solvi dar um mergulho na praia do Leblon. O mar estava batido, mas eu nado bem e sei me virar. Quando saí da água, os bombeiros vieram me prender só porque estava sem máscara. Injustiça. O prefeito já tinha autorizado o banho de mar. Por todo canto a televisão mostra gente andando pela cidade sem máscara. Os bares estão cheios de



zé mané do lado de fora bebendo na maior cara de pau e dizendo que máscara é coisa de gay e comunista. Até aquele animal do Planalto passeia de jet ski no lago Paranoá e não acontece nada. Tá cheio de gorila em Brasília e o Ibama nem se mexe. Imagina o gasto do cartão corporativo só com banana da terra. Por que então eu? Já chegam as queimadas que diminuem cada vez mais o meu habitat natural. Aí quando venho pra cidade me prendem e me mandam pra reserva de Marapendi. Sempre gostei daquela vegetação bonita do Jardim Botânico, o Rio dos Macacos, o Parque Nacional da Tijuca. Tinha que aparecer uns meganhas e me mandar logo pra Marapendi? A Zona Oeste é terra de miliciano. Vou ter que pagar proteção pra pastar lá? Implicam comigo porque sou um roedor, mas tem muito mais rato no Palácio Guanabara e na Esplanada dos Ministérios e ninguém vai parar em Marapendi.

Rio, 5/8/2017

Poeta do Estácio



Foto de Marcelo Carnaval

Se existe um compositor que simbolize o jeito de ser carioca, este certamente é Luís Melodia. O cara tinha um suingue e uma forma de cantar muito particular. Suas letras, sempre criativas, expressavam uma forma de pensar meio sem compromisso, mas nunca alienadas. Nos anos 70/80 em Santa Teresa, Luiz Melodia era o “must”. Vinha da favela e encantava a classe média. Misturava samba, reggae, rock, pop. Suas músicas compunham uma geleia geral e o resultado era muito gostoso. Esse vai fazer falta, não só no Estácio, mas no país inteiro.

Rio, 06/2/2018

Bala perdida?

Denúncia pelo telefone 190 de que traficantes da Nova Holanda teriam feito policiais como reféns levou a PM do Rio de Janeiro a invadir a favela com um caveirão e promover tiroteio. Um adolescente de 13 anos morreu vítima de “bala perdida”. Sinceramente, a bala não se perdeu. Quem se perdeu foi o planejamento da Polícia. Até quando?

Rio, 08/4/2019

Licença para matar

O repórter Carlos de Lanoy, da TV Globo, sofreu ameaça de morte neste domingo à noite, após o Fantástico veicular reportagem sobre uma operação desastrosa do Exército em Guadalupe, na Zona Oeste do Rio, que resultou na morte de um músico de 51 anos. Nove soldados, lotados na Vila Militar de Deodoro, deram 80 tiros de fuzil num carro que levava uma família a um chá de bebê. Evaldo dos Santos Rosa morreu na hora. Os militares fugiram do local e só serão ouvidos hoje na delegacia da Polícia Judiciária Militar. Desde o ano passado, durante a intervenção do Exército no Rio, vigora uma lei que transfere para a esfera militar a investigação sobre operações de segurança pública das Forças Armadas. O delegado de Homicídios, Leonardo Salgado, deu entrevista afirmando que os soldados deveriam estar presos. Após a veiculação da matéria no Fantástico - segundo o portal Fórum -, o repórter postou mensagem em sua conta do twitter dizendo que recebeu a seguinte mensagem, em nome de Erik Procopio: “Se vc escolheu falar merda e defender bandido é escolha sua. Seu merda! Se for errado paga com a vida. Mexeu com o exército, assinou sua sentença. Sua família vai pagar. Aguarde cartas”. O Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro, a Federação Nacional dos Jornalistas e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) precisam cobrar das autoridades um posicionamento sobre a ameaça de morte, que ocorreu justamente no Dia do Jornalista. O Exército e a polícia precisam investigar os dois episódios: a ação desastrosa dos soldados da Vila Militar e a ameaça contra um jornalista profissional no exercício de suas funções, um jornalista que aliás foi correspondente no Oriente Médio, onde nunca recebeu ameaça de morte.

Rio, 12/2/2015

A estrela

A morte de Tomie Ohtake, 101 anos, uma das maiores escultoras do Brasil, me faz lembrar o imbroglío da estrela do mar em aço concebida para ser instalada no espelho d'água da Lagoa Rodrigo de Freitas, a pedido de Darcy Ribeiro, durante o primeiro governo Brizola, em 1985. O **Globo** iniciou uma campanha impiedosa e desceu o malho na escultura flutuante, chamando-a de arte de mau gosto, cafona e que manchava a beleza da Lagoa. O objetivo não era atacar Tomie Ohtake, uma artista acima de suspeita, mas desqualificar o governador inimigo político de Roberto Marinho. A direção de redação escalava diariamente repórteres para ouvir críticos de arte, arquitetos e personalidades cariocas que se dispusessem a criticar a obra da artista nascida no Japão e que optou pela nacionalidade brasileira. Em 1990, com Moreira Franco no governo, a estrela foi finalmente retirada da Lagoa sob o pretexto de que sofreria manutenção. Não sei que fim levou, mas nesta quinta-feira, ao ouvir o telejornal **Hoje** destacar a dimensão artística de Tomie Ohtake, não pude deixar de lembrar da campanha vergonhosa do jornal. A artista que orgulhava o Brasil morreu aos 101 anos em São Paulo. Será que a estrela consta no acervo virtual do Arquivo da Cidade ou afundou na memória da estupidez?

The screenshot shows the O Globo website interface. At the top, it says "O GLOBO" and "ACERVO O GLOBO". Below that, there's a search bar and navigation tabs like "CAPA", "EM DESTAQUE", "FATOS HISTÓRICOS", "RIO DE HISTÓRIAS", and "FOTOGALERIAS". The main article headline reads "Escultura de Tomie Ohtake, um presente para enfeitar a Lagoa que desapareceu". The article text mentions that the artist died in 2015 and her work was removed from the Lagoa Rodrigo de Freitas. Below the article, there are sections for "Páginas digitalizadas" and "Materias digitalizadas" with thumbnails of newspaper pages. On the right side, there's a "FOTOGALERIA" section with a photo of the sculpture and a "VEJA TAMBEM" section with a list of related articles.



Foto: William de Moura/16-02-1989
Reprodução O Globo

Rio, 28/11/2017

Globalização ambulante

Terça-feira de manhã. Na calçada sob o viaduto Jardel Filho, em Laranjeiras, um casal expõe aquarelas com paisagens do Rio de Janeiro. Mostro interesse pela que retrata o cenário do pôr do sol no Arpoador, com as praias de Ipanema e Leblon e o Dois Irmãos ao fundo. Quanto custa? A senhora se apressa em puxar um caderno e explica: “custa 130 mas sai por 100. É que hoje é brequefraidei”. Globalização maior não existe.



Rio, 23/3/2018

Marielle no Engenhão

Uma homenagem bonita e singela à vereadora Marielle Franco das torcidas de Flamengo e Fluminense foi manchada pela ação usurpadora e sem apoio legal de seguranças do Estádio Nilton Santos, que exigiram a retirada da faixa que dizia “Marielle presente”. Cabe apurar se estes agentes foram contratados pelos clubes que alugaram o Engenhão ou se pela direção do Botafogo, arrendatário do estádio. Em qualquer circunstância, a atitude revela um comportamento absurdo e desrespeitoso para com os torcedores, que quiseram manifestar sua repulsa ao assassinato covarde da militante dos direitos humanos e pelos pobres e negros da nossa cidade. Ao que parece, a atitude fascista dos seguranças não mereceu destaque por parte dos meios de comunicação. Ia cair no anonimato se a torcida Fla antifascista não tivesse denunciado o abuso de poder em seu site oficial. A torcida do Fluminense se solidarizou com a rubro-negra. Resta à diretoria do Botafogo e às autoridades do Estado identificar os autores deste comportamento covarde. Tem gente que pensa que o futebol e a política só se encontram quando se trata de bajular os políticos no poder e os dirigentes que sonham com a notoriedade. Mas aprendemos que, desde os tempos de Mussolini, política e futebol andam de mãos dadas. Resta saber de que lado estamos.



Rio, 30/4/2019

Lendas e lucros



O Brasil é um país curioso. Há lendas urbanas que pegam e outras, nem tanto. Algumas lendas se revestem de conhecimento técnico, com laudos, pareceres e depoimentos embasados em números inquestionáveis. Em julho de 2013, a Defesa Civil do Município do Rio de Janeiro decidiu interditar o hoje Estádio Nilton Santos, na época João Havelange, no Engenho de Dentro, sob o argumento de que a estrutura de ferro sobre as arquibancadas ameaçava desabar. Pareceres de engenheiros gabaritados garantiam que a estrutura não suportaria ventos de mais de 70 km por hora; O estádio ficou fechado 20 meses, com prejuízos enormes para o Botafogo F.R., concessionário do Engenhão. Por coincidência, no momento da interdição o governador Sérgio Cabral Filho – ele, sempre ele – negociava a cessão do Maracanã a grupos

privados, após uma reforma que desfigurou o anel original das arquibancadas e consumiu R\$ 1,4 milhão de dinheiro público, às vésperas da Copa do Mundo. Na época, o então presidente do Botafogo sonhava em ser candidato a deputado estadual pelo MDB, o mesmo partido de Cabralzinho. O dentista ficou de boca fechada. É verdade que foram realizadas obras no Engenhão, mas vale lembrar que ao longo destes quatro anos de reabertura, o Rio já enfrentou diversas ventanias fortes. No último domingo, os ventos chegaram a 105 km por hora. O Nilton Santos, tal como um beque intransponível que dá nome ao estádio, continua inexpugnável. Nilton Santos é uma lenda do futebol brasileiro. O iminente desabamento do estádio é uma lenda urbana altamente lucrativa.

Rio, 10/6/2015

Memórias de um infectado virtual

Caros amigos. Fui infectado. Não pelo HIV, nem o Ebola, mas pelo vírus que se alastrou nas últimas 48 horas pelo *facebook* e contaminou um exército de internautas, muitos deles jornalistas. Minha vida virtual deu cambalhotas. Entrei para o grupo seleta de velhos tarados que mandam vídeos pornô para amigos, colegas de trabalho, alunos e ex-alunas. Enfim um devasso que já cruzou a linha dos 60 anos. Nada contra a devassidão virtual. Afinal, já dizia mestre Millor Fernandes, “tarado é todo homem apanhado em flagrante”.

Mas o triste mesmo é virar suspeito sem razão. Antes tivesse feito alguma coisa. Aliás, fiz sim. Recebi um vídeo de uma moça de sutiã e resolvi abrir o fecho *eclair*. Achei que era piada. Não era. Lembrei do bordão do famoso anúncio de roupa íntima de Washington Olivetto: “o primeiro sutiã a gente nunca esquece”. O publicitário corintiano tem razão. O primeiro vírus de facebook a gente nunca esquece. Troquei a senha, fiz uma varredura com o antivírus no computador. Nada suspeito no *front*.

Comecei a receber mensagens de alerta de amigos, outras de advertência, algumas mensagens-padrão do tipo “não creio que esta mensagem deva ser veiculada na internet”.

Recebi também advertência do próprio *facebook*, com ameaças de me excluir do convívio social. Confesso que foi desconcertante. Meus filhos, minha filha, a amiga de minha filha. De repente senti-me naquela situação de ver to-

dos os dedos inquisidores apontados em minha direção. Pensei: se Eduardo Cunha souber, vai propor uma CPI.

O consolo é que muita gente boa também foi infectada. Olga, minha amiga com três filhos, Renata, minha ex-aluna, Cristina. Até o Carlos Eduardo Novaes...

Imaginei: se eu puser a culpa no PT alguém vai acreditar? Acho que não. A culpa não é do PT, nem da Rede Globo, nem do Estado islâmico, da Al Qaeda, muito menos da sociedade capitalista. A culpa também não é do amigo Cezar Faccioli, de onde veio o sutiã contaminado. Ele também foi vítima. Logo o Faccioli, que tem um semblante de freira pudica de convento em São Cristóvão. Seu único pecado é torcer pelo Flamengo, mas isso parece incurável. Enfim, a culpa é minha e do fecho *eclair*. Vou processar a indústria da moda francesa. Estou de quarentena, mas arrisco-me a postar esta mensagem. Se aparecer uma mulher pelada, não briguem comigo. Se não aparecer, não briguem também.

Ilustração de Daniel França

Rio, 16/3/2019

Melhor idade é o c**&

Agradeço imensamente aos amigos que mandaram mensagens de parabéns pelo meu aniversário por facebook, telefone ou whatsapp.

Desde sexta-feira, 15 de março, posso andar gratuitamente de ônibus, barca, trem e metrô. Não. Não virei prefeito, governador, superintendente da SMTU, nem presidente do Detro, muito menos sócio de Jacob Barata. Completei 65 anos, aquilo que as companhias aéreas chamam cinicamente de “a melhor idade”. Enfim vou realizar o sonho de viajar de trem até Japeri, de ônibus até Sepetiba ou ficar passeando de barca de lá e pra cá, como fiscal da poluição da Baía de Guanabara. Isso, claro, se o joelho baleado deixar, as crises de hipertensão, diabetes, estenose ou gota.

Para apreciar a paisagem da janela, é preciso evitar a catarata, não a do Iguaçu, nem a de Niagara, mas a dos olhos. Fazer 65 anos é ao mesmo tempo um marco e um desafio amedrontador, quando se descobre que a gente faz parte do seleto grupo dos aposentados que não jogam dama na praça, nem bebem cerveja de manhã no bar da esquina. Os sinais de envelhecimento andam por todas as partes.

Numa discussão sobre futebol, se você cita jogadores que a maioria nunca ouviu falar é porque está ficando velho. Quando elogia as curvas de Jane Fonda, os lábios de Brigitte Bardot e o corpo escultural de itala Nandi, não tenha dúvida, você está ficando velho. Quando se recorda das ondas violentas da praia de Copacabana antes do aterro, do Tabuleiro da Baiana, do Lamas no Largo do Machado e ainda chama a rua Vinícius de Moraes de Montenegro você atravessou sem volta a curva da Boa Esperança. O consolo é descobrir que algumas farmácias mais ousadas acabam de lançar uma promoção excitante: “compre 3 comprimidos azulinhos e ganhe grátis uma fralda geriátrica. Corra. O estoque é limitado”.



Fazer 65 anos é ao mesmo tempo um marco e um desafio amedrontador (...)

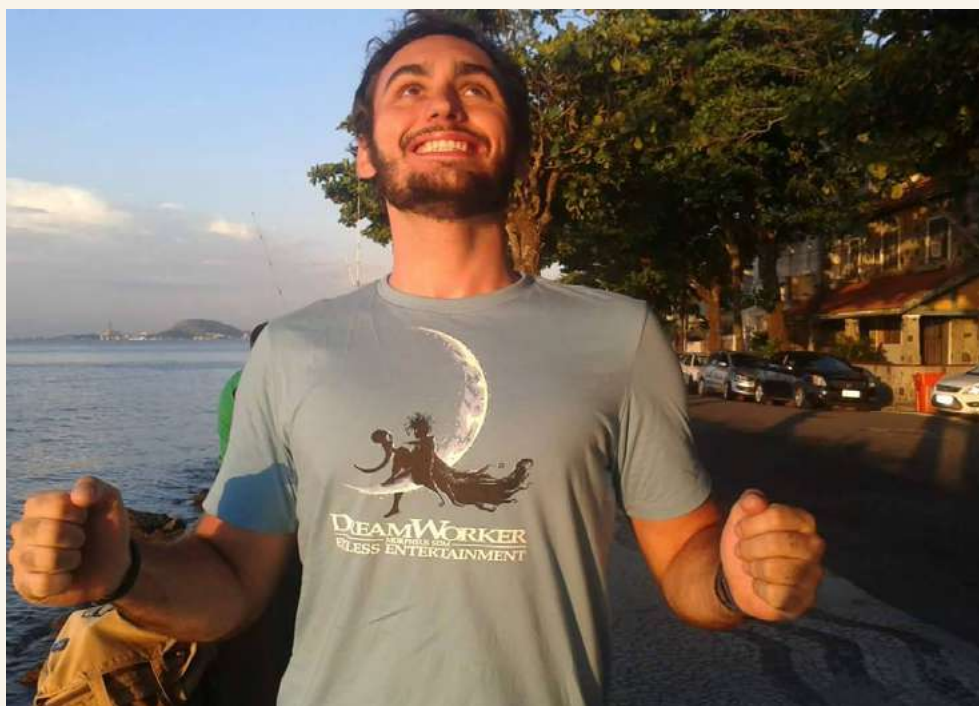
Rio, 08/08/2015

Semente eterna

O nome do estudante de Biologia Alex Schomaker Bastos será afixado em definitivo na pracinha da Rua General Severiano, em Botafogo, do lado oposto à entrada da UFRJ, onde ele estudava. A cerimônia será neste sábado, pela manhã. Alex, 24 anos, foi morto durante um assalto em janeiro, duas semanas antes de sua formatura. Dava aulas no estágio e em cursos pré-vestibulares. Era um professor nato pela visão que deixou em seu memorial do curso de Biologia. Falava em construção do conhecimento e não na mera transferência.

Confesso que não gosto de dar nome de gente a logradouros públicos. Prefiro nomes como Rua do Ouvidor, Rua da Alfândega ou Travessa dos Barbeiros. A homenagem mais apropriada será quando Alex virar nome de escola. E escola pública, onde ele fez seu curso superior. A eternidade não se resume a uma placa, nem a um banco de praça ou no concreto de um prédio. Está na abstração do conhecimento, na semente que Alex plantou em cada adolescente a quem ensinou os primeiros conceitos da Biologia. Semente e Biologia fazem parte do mesmo universo molecular. As duas tratam da vida de um professor jovem como Alex que se eterniza em seus alunos.

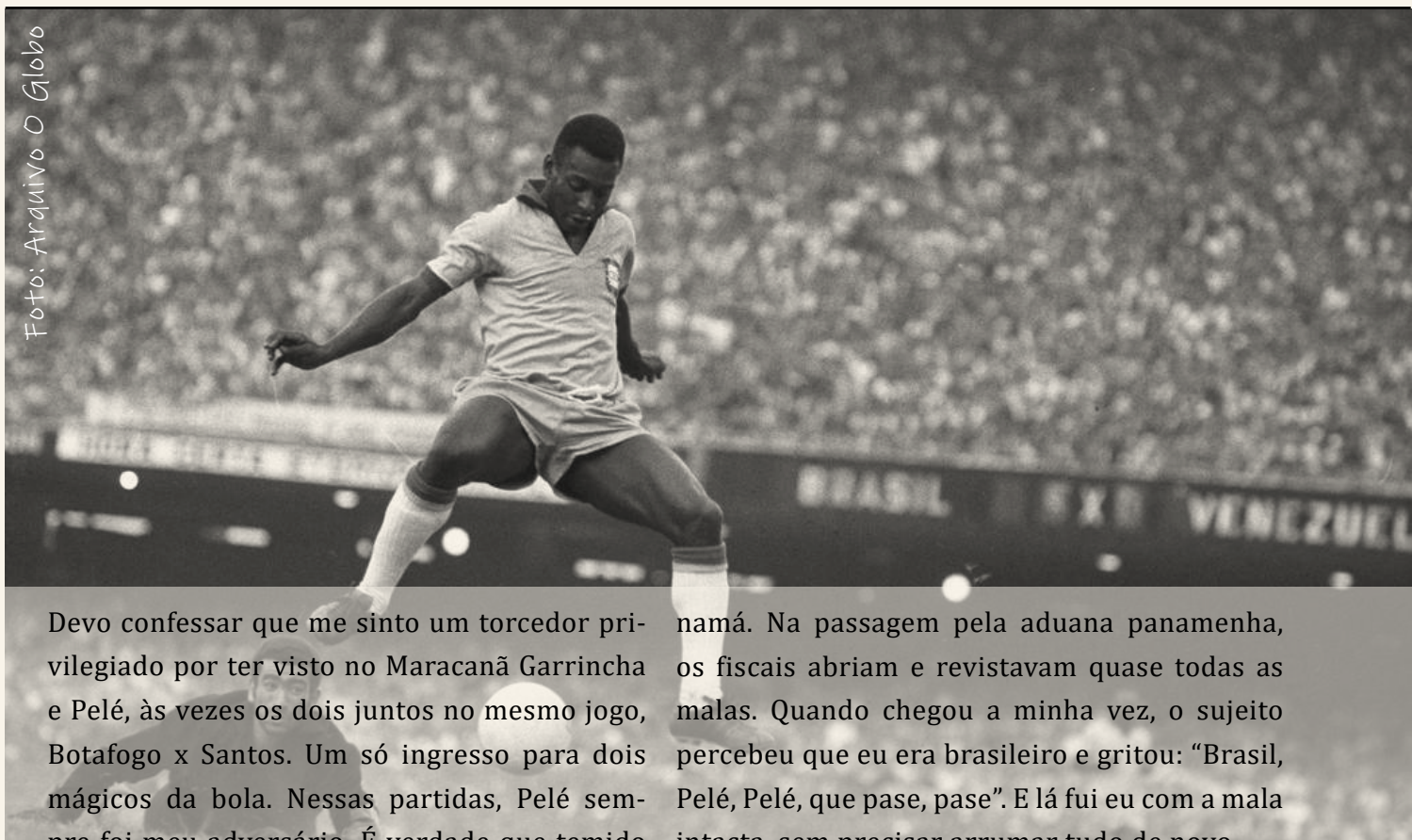
*A eternidade
não se resume
a uma placa
(...) Está na
abstração do
conhecimento,
na semente que
Alex plantou
em cada
adolescente*



Rio, 24/10/2020

Um soco no ar

Foto: Arquivo O Globo



Devo confessar que me sinto um torcedor privilegiado por ter visto no Maracanã Garrincha e Pelé, às vezes os dois juntos no mesmo jogo, Botafogo x Santos. Um só ingresso para dois mágicos da bola. Nessas partidas, Pelé sempre foi meu adversário. É verdade que temido adversário. A arquibancada de cimento ficava cheia não apenas de torcedores do Botafogo, mas de gente que ia ao estádio para ver futebol de qualidade. Eram os tempos em que o futebol se misturava com a magia. Uma de minhas frustrações foi não haver testemunhado o milésimo gol de Pelé, em 1969, na partida contra o Vasco. Os amigos da rua não me esperaram e eu me arrependo até hoje de não ter ido sozinho. Mas estava lá com meu pai no famoso Brasil 1 x 0 Paraguai, nas eliminatórias da Copa de 70, recorde de público no Maracanã em jogos de seleção. O único gol da partida foi de Pelé.

Fora de campo, Pelé me fez um grande favor pessoal. Em 1986 voava pela Avianca do Rio para Havana, com duas escalas, Bogotá e Pa-

namá. Na passagem pela aduana panamenha, os fiscais abriam e revistavam quase todas as malas. Quando chegou a minha vez, o sujeito percebeu que eu era brasileiro e gritou: “Brasil, Pelé, Pelé, que pase, pase”. E lá fui eu com a mala intacta, sem precisar arrumar tudo de novo.

Sei que o negão - permitam-me a intimidade - tem lá suas deficiências fora de campo, omissões que no seu tempo de atleta não eram tão cobradas como hoje. No regime militar disse publicamente que o brasileiro não sabia votar, para alegria dos ditadores de plantão. Deu uma bola fora quando recusou o convite para abrir como atleta brasileiro os Jogos Olímpicos do Rio, em 2016, por causa de patrocínios. Mas é preciso dizer: o jovem Pelé nunca agiu como Robinho. Ninguém mais do que ele representou tão bem a imagem do Brasil no exterior, com carisma e afeto. No aniversário de 80 anos do mineiro Edson, filho do Seu Dondinho de Três Corações, o Pelé está de parabéns. O Brasil agradece em nome de todos os Santos.

Domingo no parque olímpico



de Cola-cola e de água mineral. Isso mesmo, aquela tampinha que sempre me pareceu ingênua é perseguida pelo setor de segurança. São descartadas sem a menor cerimônia por causa da grave ameaça que podem representar. Imagino uma horda de militantes do Estado Islâmico arremessando tampinhas de plástico sobre atletas e espectadores. Na minha casa tenho uma porção delas. Descobri que guardo um verdadeiro arsenal.

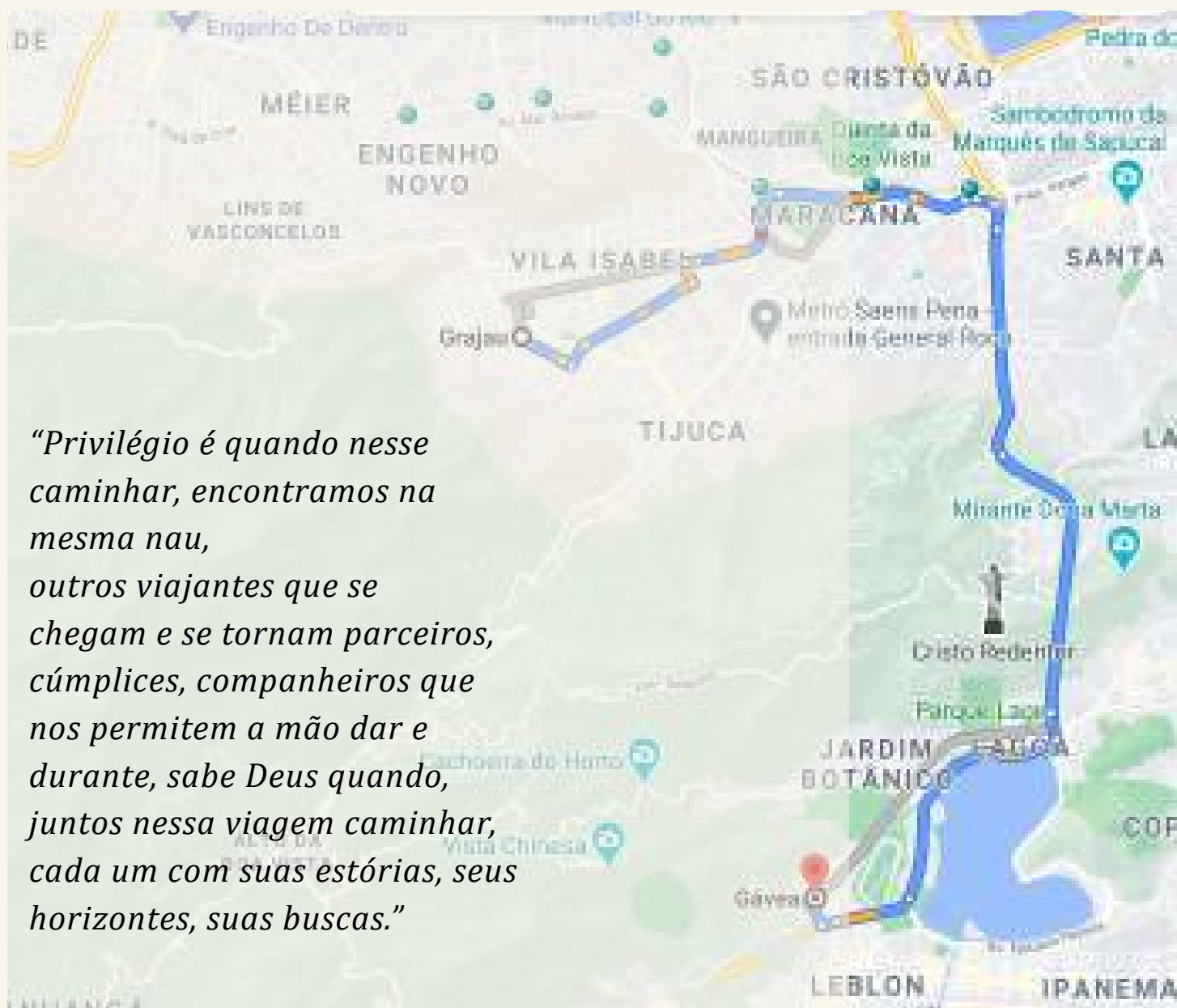
Tive hoje meu domingo no parque. Só que não com o desfecho trágico da música de Gilberto Gil. Fomos ao Parque Olímpico ver as competições de judô e esgrima. A viagem de metrô na nova linha 4 até o Jardim Oceânico tem um momento extasiante quando a composição chega à superfície e a janela revela a vista deslumbrante do encontro entre a lagoa da Tijuca e o mar. Após uns 20 minutos no BRT (Barata Rouba Todos), dois quilômetros de caminhada e chega-se enfim à primeira barreira. Ingressos à mostra, bolsos vazios e enfim adentra-se ao gramado. Os Jogos tentam me convencer que a grande vilã desta Olimpíada é... a tampinha

nal. Terrorismo mesmo são os preços cobrados pelas lanchonetes dentro do parque. Uma pizza brotinho custa R\$ 15,00 e uma garrafa de Coca, R\$ 10. Como a entrada de alimentos e de líquidos está proibida, a gente fica a mercê destes preços se não quiser passar fome. Mas o ambiente no Parque Olímpico é muito legal. Os funcionários e voluntários são extremamente atenciosos e prestativos. Turistas de todas as partes do mundo, com camisetas e bandeiras, dão um astral pra cima. A nota desafinada é a do turista alemão urinando na pia do banheiro container. Se ele fizesse isso no país dele, acabaria preso.

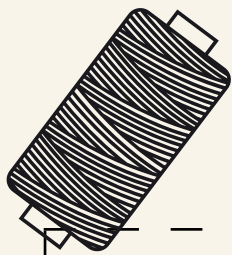
Rio, 17/3/2017

Viajantes da poesia

Quinta-feira, sete e meia da noite. Ônibus 435 (Gávea-Grajaú), voltando da PUC. Na Av. N. S. de Copacabana, embarca um jovem que se apresenta como poeta e recita dois poemas de sua autoria. Os versos são de boa qualidade e despertam a atenção dos passageiros. Samuel, carioca, faz parte do grupo Viajantes da Poesia e diz que percorre o país recitando versos em troca de abraços. Sonha em escrever um livro de poesias. No final, estende a boina para receber alguns trocados. Desce na Praça Serzedelo Correia. A seguir, um dos versos do grupo que tem página na internet.



*“Privilégio é quando nesse
caminhar, encontramos na
mesma nau,
outros viajantes que se
chegam e se tornam parceiros,
cúmplices, companheiros que
nos permitem a mão dar e
durante, sabe Deus quando,
juntos nessa viagem caminhar,
cada um com suas estórias, seus
horizontes, suas buscas.”*



Rio, 05/11/2019

Economia aquecida

De uma estudante da UFF ao sair da sala sem ar condicionado na Faculdade de Economia: "é o único lugar onde a economia está aquecida".



Rio, 23/1/2019

Geni e Trump

A Venezuela virou a Geni que desvia a atenção da crise do Governo Trump nos EUA e dos escândalos de corrupção da família Bolsonaro no Brasil.



Rio, 18/1/2019

Autos de resistência

O ex-PM Fabrício Queiroz tem 10 mortes como autos de resistência. Deus acima de tudo e o homicídio em cima de todos os pobres.



Rio, 10/1/2019

Generais do BB

Alô funcionários do Banco do Brasil. Se você tem um pai general, não esmoreça. Você pode ganhar muito dinheiro com isso.

Rio, 16/10/2019

Minha tia de Campinho

Querida Tia Arlete, você sabe que não nos conhecemos pessoalmente, mas temos muita coisa em comum. Ambos somos cariocas - você de Campinho, eu de Laranjeiras - começamos a trabalhar no rádio, adoramos o que fazemos e temos verdadeiro horror à censura, ao autoritarismo e à ignorância. Temos também diferenças. Seu talento é muito maior que o meu e o carisma então nem se fala. A primeira vez que fui ao teatro para vê-la foi em 1977, na Maison de France, para a encenação da peça “É”, de Millor Fernandes. Estavam no palco apenas Fernando Torres e você. Sua personagem tinha vergonha de haver nascido em Formiga, Minas Gerais, lembra? Depois acompanhei seu trabalho em outras peças e nas telenovelas, mas a cena que mais me emocionou foi no filme “Eles não usam black tie”, dirigido por Leon Hirzsmann com base em texto de Guarnieri. A cena da mãe do operário que fura a greve bate forte no coração. O gesto diz mais que mil palavras. Na hora de catar o feijão, você joga uma, duas xícaras na mesa pensando no almoço do

dia seguinte e recolhe a xícara na hora de derramar a terceira. O filho abandonara a casa porque a decisão de furar a greve contrariara o pai, líder sindical. Ambos trabalhavam na mesma fábrica, mas tinham ideias distintas. Tempos depois, em Central do Brasil, de Walter Salles, sua personagem, professora e escritora de cartas, retrata um Brasil que a maioria desconhece. Querida tia Arlete, você merecia receber o Oscar de melhor atriz. O Brasil inteiro sabe disso.

Todas as minhas tias de verdade já se foram. Sobrou você, que eu espero que permaneça ainda muito tempo nos palcos, sets e estúdios da vida. Decidi elegê-la minha tia de estimação porque entendo que uma artista alcança o êxtase quando transcende o limite entre a vida e a arte. Você conseguiu e por isso merece todos os aplausos. Quando está em cena, parece alguém familiar, com quem tenho vontade de trocar ideias e ouvir conselhos. Parabéns no dia de seu aniversário de 90 anos, tia Arlete. Para os outros, Fernanda Montenegro.



Rio, 12/3/2014

Festa na Sarjeta

No sábado, dia 15, vou ingressar na pré-terceira idade, aquilo que as empresas aéreas chamam cingicamente de “a melhor idade”. Faço 60 anos, mas com um corpinho de 59. Para tanto, pretendo reunir amigos, colegas de trabalho, alunos, ex-alunos (aprovados e reprovados), ex-chefes, ex-chefiados, ex-namoradas, ex-big brothers e anciões no Mercadinho São José, em Laranjeiras, a partir das sete da noite. O bar tem o sugestivo nome de Sarjeta. É só cair. Por conta do nome, não aceita cartão de crédito. Só de débito. O bar tem cerveja comum e boa variedade de salgadinhos, além de pizza, pra tudo terminar bem. Às 11 da noite, por recomendações do geriatra do plano de saúde, vamos nos retirar.



O mercadinho fica na Rua Gago Coutinho, junto ao Palácio Laranjeiras, aquele que foi ocupado pelos golpistas em 1964 e onde foi assinado o Ato Institucional número 5, em 1968. Por conta disso,

pensei em pedir o apoio cultural do Banco Itaú, mas me disseram que o calendário de efemérides de 2014 já estava pronto.

Pra quem vem do outro lado do Atlântico, ou seja, Niterói, adianto que o ônibus 750 pára (este acento agudo faz falta) quase em frente ao mercadinho, na volta. Na ida, o passageiro salta na Rua Conde de Baependi.

Aceito presentes práticos como Viagra, Cialis, meias de lã, pijama de flanela e fralda geriátrica. Carteira de meia entrada em cinema e teatro também será bem-vinda.

Dispensio livros de autoajuda, discos em vinil de Orlando Silva, Miltoninho, Altamar Dutra e conjunto do Ed Lincoln.

Rio, 24/12/2015

O sorriso de Caíque

Vinte quatro de dezembro. Meio-dia. A porta de entrada desta história é o Bradesco da Rua das Laranjeiras, em frente à rua Ribeiro de Almeida; Do lado de fora, a senhora que sempre se acomoda sentada à frente da agência nos fins de semana e feriados vende mariolas e paçocas. A seu lado, um menino esmirrado aparentando oito anos mas com 10 de idade. O dinheiro caprichado da Mariola está muito aquém do que os cristãos cristalizaram como espírito de Natal. O menino continua de mãos vazias. De volta a casa, lembro do carro miniatura de colecionador comprado no camelô da Avenida Rio Branco e adormecido há meses no armário à espera do piloto de brinquedo. Basta atravessar a rua e realizar o sonho do piloto. O sorriso se abre com um sonho de Papai Noel sem chaminé. Mas aí fico pensando nos ensinamentos de mestre Henrique de Souza Filho, o Henfil, que eu conheci quando tinha 16 anos. Uma charge dos fradinhos publicada no Pasquim mostra que a classe média satisfaz seu complexo de culpa quando dá presentes aos pobres. Mas o sorriso de Caíque, o menino na porta do Bradesco, mostra que nenhum Trabuco travestido de executivo há de realizar o sonho do menino. Ele mesmo há de realizar seus sonhos, sem trabucos, nem trambiques.



Rio, 11/11/2020

Desordem unida



Ilustração de Daniel França

Tô com o Boçal. Quando acaba a saliva, o jeito é a pólvora. Mas com algumas condições. O Brasil tem que mandar uma tropa comandada pelo generais Luiz Maria Fofoca Ramos e Augusto Heleno, aquele da chacina no Haiti. Zero 1, zero 2 e zero 3, muito corajosos, vão representar o pai na frente de um batalhão de milicianos. Carlucho vai disparar fake news dizendo que os ianques são comunistas pedófilos. Ricardo Salles toca a boiada. Damares fica a distância só na observação. Afinal, ninguém sabe trepar na goiabeira melhor do que ela. Os fazendeiros do agrotóxico cuidam da brigada de fogo. Como paramédicos no campo de batalha seguem todos os generais e coronéis que ocuparam este ano o Ministério da Saúde. Eles sabem tudo de logística. Não vai faltar algodão, mercúrio ou gaze, muito menos

cloroquina, sob a supervisão do almirante da Anvisa, que não deixa a agência afundar no boato da vacina. O regimento Coxinha vem do Paraná, com capitães de Ponta Grossa e tenentes de Campo Largo em plena harmonia. Os capelães serão Edir Macedo e Silas Malafaia, ambos sócios de Deus. Por módicos 10% as vítimas seguem direto pro céu, sem passar pelo purgatório. No comando geral o general Hamilton Mourão e sua máscara do Flamengo. Se perder de quatro outra vez como no último jogo do Brasileirão, fica na mesma posição. O velho da Havan vai ceder os uniformes mas sem edital de concorrência devido à urgência do “evento grave”. E na retaguarda fica o coronel astronauta Marcos Pontes. Na hora de fugir, vai num rabo de foguete. Com uma tropa dessa qual maricas não se encoraja? Silva! digo Selva.

Os invisíveis

Algumas profissões desaparecem para sempre. Quando muito, perdem status para não sumir de todo. Falo dos fotógrafos lambe-lambe que a câmera digital sepultou; o amolador de facas, o fabricante de galochas e os engraxates. Paulo, 40 anos, natural de Teresina, olhos claros, é um profissional ameaçado de extinção. Pode ser visto todos os dias na rua Artur Bernardes, no Catete, sentado em frente ao cartório, oferecendo um lustro no sapato dos passantes. Mas as sandálias havaianas, os tênis e os sapatênis que tomam conta do verão carioca reduziram substancialmente a demanda de trabalho do engraxate. Nesta segunda-feira até as 5 da tarde, Paulo havia engraxado apenas um par de sapatos pelo qual recebeu R\$ 5. Para comprar a quentinha do almoço precisou da colaboração alheia. É possível afirmar que a renda proveniente da ajuda è maior do que a do trabalho de engraxate. Mas nem sempre foi assim. No Piauí, Paulo trabalhou cinco anos como soldador e caldeireiro em uma usina de álcool e açúcar, até ser demitido num corte de pessoal da companhia. Veio tentar a vida no Rio, mas aqui também está difícil. Dorme numa minúscula barraca de camping e tem a companhia de um celular, que ele usa para conversar com a família. Fala de Camila, a filha de 24 anos, que estuda Direito numa faculdade em São Paulo, e da outra filha, de 20, que cursa Veterinária em Teresina. Há três meses Paulo aguarda a certidão de nascimento prometida pela Defensoria Pública do Piauí para que ele não tenha problemas com a polícia, nem com a Guarda Municipal do Rio. “Tô limpo. Não devo nada”, garante o engraxate, sentado na calçada com os pés descalços e a camiseta encobrindo as pernas e os joelhos. Paulo acredita em Deus e espera um dia a vida melhorar, mas não sabe quando. Até lá vai tocando a lida como mais um migrante invisível na Cidade Maravilhosa.

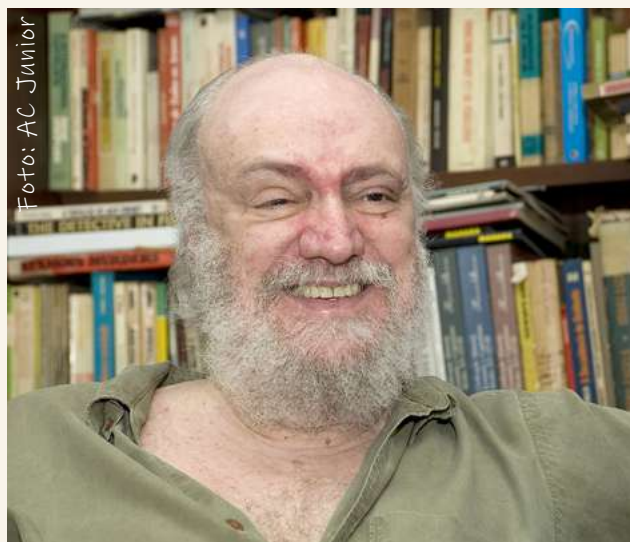


A foto acima é de um engraxate no Rio de Janeiro de 1870. Na época havia mais sapatos e serviços.

Rio, 14/02/2021

Tijucano, sim senhor

A Tijuca é o único bairro carioca em que os moradores são chamados pelo gentílico: tijucano. Não existem laranjeiros, nem cateteiros, vilaisabelianos, leblonenses, muito menos copacabanenses. Apenas tijucano. A designação flamenguista, botafoguense ou sancristovense serve para identificar os torcedores de clube, mas nunca o bairro. Há uns 10 anos, criou-se um bairro ali entre São Cristóvão e a Barreira chamado Vasco, mas acho que a ideia não pegou. Vascaíno só vale para quem torce pelo time da Colina. Conta a História que os primeiros moradores da Tijuca foram os jesuítas, que criaram fazendas de cana-de-açúcar ainda no século XVI. Não se fala do tipo de mão-de-obra, mas é de supor que fossem indígenas vítimas da catequese. Com a expulsão dos jesuítas das terras de além-mar pelo Marquês de Pombal em 1759, as fazendas foram fatiadas e se transformaram em dezenas de sítios. Na virada dos séculos XIX e XX viraram chácaras. Pouco antes, o imperador Pedro II, para enfrentar o problema crônico do desabastecimento de água na cidade, indenizou os fazendeiros de café do Alto da Boa Vista, que haviam destruído a mata, e mandou reflorestar com o plantio de 100 mil árvores, abrindo espaço para o que se tornaria o Parque Nacional da Tijuca, o terceiro maior parque urbano do mundo. Tijuca em tupi significa “água podre”, mas calma, o nome não tem nada a ver com a Cedae ou a geosmina. Água podre é como os índios chamavam a água



dos manguezais que ocupavam a parte baixa do bairro. Hoje sabemos que os manguezais significam vida, berçários de várias espécies aquáticas, aterrados ao longo do tempo pela ambição humana. Na política costuma-se dizer que a Tijuca é a biruta do eleitorado carioca. A tendência do eleitor de lá costuma apontar o resultado do pleito. O bairro possui 163 mil habitantes, o maior da Zona Norte do Rio, tem duas grandes escolas de samba - Salgueiro e Unidos da Tijuca - e abriga três estações da linha 1 do metrô, inclusive a última. O Rio tem o único metrô do mundo que te leva ao Uruguai por debaixo da terra. /// Um dos maiores compositores tijucanos, Aldir Blanc Mendes, saiu de cena no ano passado levado pela Covid. Se ele escrevesse algo sobre o gentílico, diria que a turma que se mudou para a Barra da Tijuca jamais aceitaria ser chamada de “barratijucana”. Não abrem mão do gentílico “emergente”.

Rio, 17/02/2020

Procura-se uma Rosa de bronze

Foto: O Globo / Foto: Carolina Ribeiro



Dona Rosa Paulina está desaparecida desde sábado à noite. Ela sumiu do bairro da Glória, abandonando o filho e seu cavalo. A polícia e a prefeitura do Rio de Janeiro estão no seu encalço, mas por enquanto nada de pistas. São três as hipóteses para o sumiço. Dona Rosa teria deixado o pedestal para buscar um SPA porque está pesando quase 400 quilos e tem dificuldade de locomoção. A outra explicação é que Dona Rosa, alagoana de nascimento, estaria insatisfeita com a vida mundana no Rio, principalmente com o abandono da Praça Paris e a água contaminada da Cedae. Por último há quem suspeite que Dona Paulina teria fugido para brincar o carnaval. Afinal ela nasceu em

1808 e mal conheceu o entrudo, que antecedeu os blocos que movimentam a cidade. Uns dizem que foi vista no domingo entre os foliões no Sovaco do Cristo, no Jardim Botânico; outros que se misturou entre as crianças e mães no Gigantes da Lira, em Laranjeiras. Uma coisa é certa. De maternidade ela entende e muito. Deu à luz 10 filhos em Alagoas e se tornou matriarca do Exército brasileiro. Um deles, o menino Deodoro, proclamou a República, três meses antes do entrudo de 1890. Está feito o alerta. Não podemos permitir que o calor do verão carioca faça derreter nossa heroína. Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca vale ouro e é de bronze.

Baú^{do} João

*Olhares e implicações
de um carioca de Laranjeiras*

“As crônicas me fazem lembrar da finada loja do seu Juquinha, oficialmente conhecida como Juquinha Modas, na Rua do Catete. Era onde eu comprava as camisas do Botafogo, os shorts e os meiões para jogar pelada no Aterro. E, sobretudo, meus times de botão. O João já devia ser do grêmio estudantil do Zaccaria naquela época, poucos anos mais velho que é, mas eu ainda era um menino que arregalava os olhos diante daquelas caixas de papelão repletas de botões no balcão do seu Juquinha. Como o dinheiro da mesada era curto, eu não podia levar todas aquelas caixas para casa. Mas o desejo represado tinha uma vantagem: eu sempre voltava ao balcão do paciente seu Juquinha para renovar o brilho no olhar. (...) Que o mesmo prazer te invada nesse balcão de crônicas, que o João batizou de baú. São 66 textos, publicados originalmente no Facebook. Quero ver o caro leitor escalar o time de 11 titulares. Vai imaginar o que eu sofria no balcão do seu Juquinha”.

